



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HAB. JORNALISMO**

PRISCILA MOURA BEZERRA

**JORNALISMO INVESTIGATIVO NO CINEMA: ANÁLISE DOS
FILMES O INFORMANTE E O CUSTO DA CORAGEM**

**Campina Grande – PB
2014**

PRISCILA MOURA BEZERRA

**JORNALISMO INVESTIGATIVO NO CINEMA: ANÁLISE
DOS FILMES O INFORMANTE E O CUSTO DA CORAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Sob a orientação da Prof^a. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574j Bezerra, Priscila Moura
Jornalismo investigativo no cinema [manuscrito] : análise dos filmes o informante e o custo da coragem / Priscila Moura Bezerra. - 2014.
73 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santoz, Departamento de Comunicação Social".

1. Jornalismo investigativo. 2. Cinema. 3. Análise de conteúdo. 4. Filmes. I. Título.

21. ed. CDD 070.43

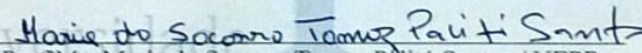
PRISCILA MOURA BEZERRA

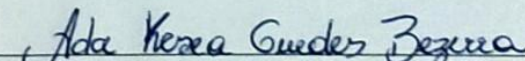
**JORNALISMO INVESTIGATIVO NO CINEMA: ANÁLISE
DOS FILMES O INFORMANTE E O CUSTO DA
CORAGEM**

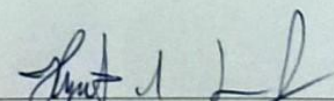
Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Avaliada em 25/07/2014

Nota: 10,0


Prof. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos / UEPB
(Orientadora)


Prof. Ma. Ada Késea Guedes Bezerra / UEPB
(Examinadora)


Prof. Ms. Hipólito de Sousa Lucena / UEPB
(Examinador)

CAMPINA GRANDE – PB
2014

À minha mãe e à memória de meu pai, pelo amor, amparo e incentivo aos estudos desde o tempo da infância; e destes, principalmente, o amor.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustenta e me guia dia após dia e não me deixa desistir, mesmo nos momentos mais difíceis da minha vida; a Ele, toda honra, toda glória e todo louvor, pois a minha fé tem sido o combustível vital que me impulsiona nas adversidades e luz que ilumina o meu sorriso nos tempos felizes.

Aqueles que estão cotidianamente comigo: aos meus pais pelo amor, educação e amparo contínuos; A Francisco pelo amor, pelo apoio e, principalmente, pela paciência; a Júlia pelo cuidado e afeto; A André e Mylena por dividirem comigo angústias e alegrias da vida acadêmica e cotidiana; A Manu pela ajuda inestimável; A Siêgo e Érika pela amizade verdadeira; A Everton e Diogo, por caminharem junto a mim durante os árduos anos da graduação; A Leila por sempre acreditar em mim; A todos os meus amigos, companheiros de trabalho e curso, e aqueles que encontrei durante a caminhada até aqui e que me ajudaram de alguma forma (vocês sabem quem são e eu os amo infinitamente).

A Edward Murrow, Truman Capote, Gabriel García Márquez e Graciliano Ramos pelos textos inspiradores que tanto me entusiasmaram e me encheram de orgulho da profissão que escolhi.

E em especial, a todos os professores que passaram pela minha vida, por servirem de exemplo e me ajudarem direta ou indiretamente a alcançar todas as vitórias conseguidas graças aos estudos; pois sem a orientação deles, desde a leitura das primeiras sílabas até a construção deste trabalho, jamais seria a pessoa que me tornei.

“É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço”.

(Graciliano Ramos)

Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são.

Gabriel García Márquez

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar obras do cinema contemporâneo e identificar características relacionadas ao jornalismo de investigação. Como objeto de estudo foram escolhidas as produções: “O Informante” (*The Insider*, 1999) e “O Custo da Coragem” (*Veronica Guerin*, 2003). O contexto do fazer jornalístico, bem como reflexões de autores a cerca de um conceito para o tema aparecem como assunto pelo qual nos debruçamos durante a construção do trabalho. Procuramos identificar na análise de conteúdo quais aspectos observados como sendo próprios do universo do jornalismo investigativo estão presentes em cada obra. Desenvolvemos uma metodologia de análise que buscou atingir resultados precisos, baseando-nos no critério principal de que são filmes inspirados em fatos reais. Dialogamos ainda com os textos de Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), Leandro Fortes (2005), Felipe Pena (2005), Mark Lee Hunter (2009), dentre outros.

Palavras-chave:Jornalismo Investigativo. Cinema. Análise de Conteúdo. Filmes.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze works of contemporary cinema and identify related features at investigative journalism. As an object of study were chosen the productions: "O Informante" (*The Insider*, 1999) and "O Custo da Coragem" (*Veronica Guerin*, 2003). The context of journalistic do, as well as the reflections of the authors about the concept appears as the subject matter for which we concentrate during construction of this work. We seek to identify in the content analysis what aspects observed as being of own universe of investigative journalism are present in each work. We developed a method of analysis that sought to achieve accurate results, based on the main criteria that are based on real events movies. We still dialogue with texts of Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), Leandro Fortes (2005), Felipe Pena (2005), Mark Lee Hunter (2009), among others.

Keywords: Investigative Journalism. Cinema. Content Analysis. Movies.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela de Hunter.....	51
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	15
1.1 JORNALISMO INVESTIGATIVO: PANORAMA LATINO AMERICANO.....	17
1.2 MECANISMOS DE APURAÇÃO.....	25
1.2.1 RELAÇÃO COM AS FONTES.....	27
1.2.2 RISCOS DA PROFISSÃO.....	30
1.3 ÉTICA NO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO.....	33
2 JORNALISMO INVESTIGATIVO NO CINEMA.....	42
2.1 METODOLOGIA.....	47
2.2 DA VIDA REAL PARA A TELA GRANDE.....	52
2.2.1 O INFORMANTE.....	53
2.2.1.1 ANÁLISE.....	54
2.2.2 O CUSTO DA CORAGEM.....	58
2.2.2.1 ANÁLISE.....	58
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

Era madrugada do dia 17 de junho de 1972 quando cinco homens foram presos no complexo de escritórios de Watergate, em Washington, Estados Unidos. O grupo em questão foi pego com “a mão na massa”, quando tentava grampear os telefones do Comitê Nacional Democrata. A polícia encontrou, dentre outras coisas, pés de cabra, chaves falsas, dois aparelhos de escuta telefônica sofisticados e uma quantia de mais de 2.000 mil dólares.

O fato chamou a atenção de dois repórteres do *The Washington Post*. Os jovens Bob Woodward e Carl Bernstein tiveram sua primeira reportagem sobre o caso publicada dois dias depois do ocorrido, mas havia algo mais naquilo. Seguindo a lógica de Drew Pearson – “Trabalho pelo olfato. Quando sinto algo fedendo, vou atrás”. – Bernstein e Woodward continuaram na cobertura do caso nos anos posteriores. A fonte (sigilosa)? Um funcionário do alto escalão do FBI, Mark Felt (*Garganta Profunda*), por quem Bob Woodward nutria intensa confiança.

Àquela altura era difícil prever algo parecido, mas a investigação por parte dos jornalistas do *The Washington Post*, mais tarde, culminou no chamado escândalo de Watergate e, por conseguinte, levou à renúncia daquele que seria o segundo mandato do presidente Richard Nixon.

Quase 14 anos mais tarde, em 1986, um também jovem repórter, Leandro Fortes do jornal *Tribuna da Bahia*, recebia a pauta do que veio a ser sua primeira investigação jornalística. Tratava-se do caso de um cachorro. O fato era que uma comissão de moradores de um bairro de classe média de Salvador havia entregado na redação do jornal um abaixo-assinado contra o condômino do nono andar, dono do *Cocker spaniel*. O problema girava em torno do barulho imenso que o animal fazia.

O pensamento comum para um jornalista iniciante era o de que não havia o que fazer. Como calar um cachorro em pleno verão baiano? A excursão até o condomínio onde o cachorro morava, até a constatação de que o motivo da histeria do bicho era, na verdade, falta de água (por uma coleira apertada), acabaram por transformar uma pauta caída numa matéria inspiradora sobre um cachorro que vivia um evidente drama de falta de cuidados. A história foi contada, mais tarde, no livro *Jornalismo Investigativo* (2005).

Guardadas as devidas proporções para ambos os episódios, tanto o caso Watergate quanto o do *Cocker spaniel* de Salvador, se assemelham em três aspectos. O primeiro é que se trata de casos onde a persistência dos repórteres não só foi fundamental para o sucesso das matérias, como sobrepôs a pouca experiência dos jornalistas; o segundo aspecto a se observar é que essa persistência desencadeou uma série de procedimentos de investigação jornalística que resultaram em grandes matérias; finalmente, o terceiro aspecto a se destacar é o de que em ambos os casos, o resultado das investigações terminaram por promover mudanças na sociedade, a partir da reflexão dos casos retratados, dos relatos das fontes e do próprio desenrolar das histórias.

Tanto o escândalo Watergate quanto a matéria do *Cocker spaniel* de Leandro Fortes exemplificam com maestria o significado do termo Jornalismo de Investigação, tema controverso entre autores da área. Para Gabriel García Márquez, por exemplo, o termo “jornalismo investigativo” não passa de uma redundância, porque toda espécie de jornalismo deve por natureza ser de investigação; já para estudiosos como Cleofe Monteiro de Sequeira, a especialidade investigativa é uma vertente do jornalismo tradicional que abrange uma série de métodos para assim ser classificado.

Não tentamos, aqui, traçar um perfil exato de classificação do jornalismo investigativo. Propomos nuances de autores relevantes para a pesquisa a fim de delinear caminhos que possam levar a considerações sobre o tema, unindo os conceitos – a primeira vista, contrapostos – e desconstruindo a definição do jornalismo dito de investigação através de uma abordagem mais abrangente, suscitando a reflexão sobre as múltiplas interpretações observadas pelos autores escolhidos como aporte teórico.

Em suma, o conceito de jornalismo investigativo adentrou o presente trabalho mais como uma perspectiva democrática de interpretação do que como uma regra teórica, dentro das tantas outras sabiamente colocadas pelas obras originais dos autores aqui mencionados.

Para tanto foram usados como embasamento os nomes de: Leandro Fortes, Felipe Pena, María Jesús Casals Carro, Mark Lee Hunter, Alexandre Barbosa, Mariángela Urbina Castilla, Aldo Antonio Schmitz, Pedro Corzo, Alessandra Silvério; os colunistas do site *O Observatório da Imprensa*: Rogério Christofolletti, Argemiro Ferreira e Luciano Martins Costa; o comentarista de *Carta Maior*, Boaventura de Sousa Santos e o pensamento filosófico de Aristóteles, além de Gabriel García Márquez e Cleofe Monteiro de Sequeira, dentre outros.

O universo do jornalismo de investigação costuma ser tão complexo, vasto e atrativo que, não raro, os roteiristas de Hollywood buscam em casos reais inspiração para seus produtos cinematográficos. Os clássicos *newspaper movies* foram a síntese inicial da transposição do real para a tela grande: filmes que retratavam o jornalismo – quase sempre investigativo – em suas tramas.

Valendo-se do argumento de que as produções do cinema caracterizam uma das melhores ferramentas didáticas de compreensão da realidade, nosso objetivo neste trabalho é analisar obras de ficção baseadas em fatos reais que tratam da questão do jornalismo investigativo.

Sobre a relação entre jornalismo e cinema, usamos como aporte o pensamento de: Patrícia Novato Meireles e Maurício de Medeiros Caleiro, Ricardo Stabolito Junior, Lisandro Nogueira, David Carr, Ricardo Alexino Ferreira e Stela Senra.

Este trabalho visa somar material científico sobre a relação entre jornalismo e cinema, mais precisamente sobre o que se refere ao jornalismo de investigação, atentando para uma lacuna na quantidade de obras sobre o assunto e adentrando a esfera da análise de conteúdo a fim de obter resultados que possibilitem uma melhor compreensão do próprio sentido de jornalismo investigativo e também, de como esta especialidade está sendo reproduzida para a sociedade.

Para tanto, dividimos este trabalho em três capítulos principais que abarcam: a construção do referencial teórico, em busca de reflexões a cerca do conceito de jornalismo de investigação, seu *modus operandi*, os aspectos e a problematização de seu contexto; a metodologia detalhada que escolhemos para a análise dos filmes elegidos; e, por fim, a análise de dois produtos que seguiram critérios pareados com a metodologia.

No primeiro capítulo, fazemos considerações a cerca do tema a partir de conceitos utilizados por diversos autores; tratamos da questão do jornalismo investigativo na América Latina e no Brasil, detalhamos os métodos de apuração, a relação entre fontes e profissionais, os riscos da profissão – utilizando exemplos pertinentes ocorridos no país e fora dele –, alguns casos emblemáticos e a questão da ética na profissão.

No segundo capítulo, discorremos sobre Jornalismo no cinema, explicando como histórica e atualmente a sétima arte aborda a temática do jornalismo investigativo, as

narrativas utilizadas e a construção da figura do jornalista como herói e vilão nas tramas de produções cinematográficas.

Logo após, no terceiro capítulo, traçamos as diretrizes da metodologia utilizada para analisar os objetos de estudo escolhidos. Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica, combinada a uma análise de conteúdo.

Escolhemos dois filmes como objetos de estudo: “O Custo da Coragem” (*Veronica Guerin*, 2003), filme sobre a repórter investigativa irlandesa que denunciou a máfia do país e suas ligações com o tráfico de entorpecentes; e “O Informante” (*The Insider*, 1999), sobre produtor do programa da rede de TV CBS, “60 minutes”, que tenta convencer ex-executivo da indústria do tabaco a denunciar empresários poderosos.

Após a análise dos filmes escolhidos, chegamos às considerações finais e logo em seguida à bibliografia, temos, finalmente, a parte destinada aos anexos, com *prints* de cenas e seus diálogos para melhor compreensão do conteúdo desta pesquisa. O trabalho trás ainda um apêndice com tabela que distingue o jornalismo convencional do jornalismo investigativo, usada como modelo para a análise pretendida.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE JORNALISMO INVESTIGATIVO

Quando se fala em jornalismo investigativo, diversas proposições em torno do termo surgem para dificultar sua conceituação. Por mais obstinado que seja o pesquisador, logo irá perceber que o termo, por si só, constitui uma grande contradição. Ora, não seria a essência de todo e qualquer tipo de jornalismo, investigativo? Neste caso, estaríamos lidando com uma redundância?

A contradição em questão está no fato de que há uma intensa discussão sobre a ideia de que todo jornalismo deve ser, indissociavelmente, de investigação. Em outra instância, há autores que defendem o jornalismo de investigação como uma ramificação do jornalismo tradicional, uma especialidade ou conjunto de técnicas.

Para Sequeira (2005), o jornalismo dito de investigação se caracteriza mais como uma categoria jornalística. O embasamento da autora toma forma a partir da *Teoria do Newsmaking* na qual, segundo Pena (2005) “a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la”, além de colocar a notícia no centro de sua problemática e levar em consideração alguns critérios, dentre os quais, as rotinas de produção dessa notícia.

Embora qualquer prática jornalística pressuponha alguma investigação, há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais –, definida como jornalismo investigativo (SEQUEIRA, 2005, p. 15).

A autora quer dizer que nem tudo que se vê nos jornais, desde as grandes manchetes até as pequenas matérias, pode ser considerado jornalismo de investigação porque muito do que se é publicado constitui material de assessoria. Os chamados *press-releases*, indicam sugestões de matérias e divulgam informações que privilegiam o assessorado.

Em uma via aproximada – e mais coerente, detalhada – desta concepção teórica, Carro (2005) elege como conceito de jornalismo de investigação um jornalismo compromissado com a cidadania, uma vez que está interessado em divulgar fatos omitidos da população. Neste caso, o jornalismo investigativo se confunde com a noção de prestação de serviço público e apóia-se em características humanas como honradez, ética e a catalogação de um *modus operandi*, ou modo de fazer, o que quer dizer, a arquitetura de uma rotina de práticas que fazem parte deste tipo de jornalismo.

Neste sentido, Carro (2005, p. 493) argumenta que:

Cuando se habla de periodismo de investigación se hace referencia a un método de obtención de información riguroso, paciente y difícil, que busca lo que el poder esconde, que es vigilante con los principios democráticos y con los derechos de los ciudadanos.¹

Na contramão dos conceitos elegidos por Sequeira e Carro, aparece Gabriel García Márquez (1927 – 2014), que defende a teoria de que todo jornalismo, independente de divisão em categorias, deve ser investigativo naturalmente. A premissa do autor colombiano se baseia na idéia de que a investigação é a essência fundamental do jornalismo; é sua primeira e única definição. Disse o autor na 52ª Assembléia da Sociedade Interamericana de Imprensa, em 1966, que: "La investigación no es una especialidad del oficio, sino que todo periodismo tiene que ser investigativo por definición". (SEQUEIRA, 2005, p. 15)²

O objetivo deste capítulo não é refutar um ou outro conceito sobre o que vem a ser o jornalismo investigativo, mas sim encontrar nuances dentre as distintas concepções que venham a formar um conceito próprio, coerente com a realidade observada no Brasil e no mundo, a fim de tentar buscar alternativas que possibilitem um conceito mais amplo sobre a temática.

Nesse caso, a essência do jornalismo é investigativa, mas o jornalismo de investigação se concentra em uma parte do jornalismo que tem por virtude própria um compromisso com as “verdades encobertas”, com o conceito de cidadania, de dever e preocupação para com a sociedade, mas principalmente, uma categoria que elege a verdade dos fatos como prioridade no trato das questões que envolvem o que é de interesse coletivo. Situa-se num âmbito sociológico porque se preocupa com o bem estar social a partir do que virá a tornar público; e, ao mesmo tempo, atribuímos características filosóficas às rotinas de trabalho e ao modo como os profissionais da área encaram seu próprio ofício.

Uma definição pertinente, usada por Hunter (2013), argumenta que o jornalismo investigativo não é simploriamente uma cobertura habitual. Isso porque, segundo o autor, a

¹“Quando se fala de jornalismo de investigação se faz referência a um método de obtenção de informação rigorosa, paciente e difícil, que busca o que o poder esconde, que é vigilante com os princípios democráticos e com os direitos dos cidadãos”.

² “A investigação não é uma especialidade do ofício, sim que todo jornalismo tem que ser investigativo por definição”.

cobertura convencionalmente jornalística tende à passividade, portanto, fugindo do real sentido do jornalismo de investigação.

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento (HUNTER, 2013, p. 10).

O autor sintetiza o jornalismo investigativo como transcendente ao jornalismo propriamente dito. Grosso modo, podemos afirmar que o jornalismo de investigação representa um caso a parte no jornalismo e, de fato, utiliza-se da essência investigativa para se tornar algo único. Esta abordagem ajuda a concluir nossa conceituação a cerca da temática.

É algo aparente que uma investigação dê muito mais trabalho do que o jornalismo do dia-a-dia? De fato, ela dá mais trabalho, a cada passo do processo, ainda que seja possível realizá-la de maneira eficiente e prazerosa. Ela também é muito mais recompensadora – para o público, para a sua organização, e para você. (HUNTER, 2013, p. 10).

Em linhas gerais, jornalismo de investigação é um conceito ainda pouco explorado sob uma perspectiva amplificada. A priori, caracteriza uma especialidade do jornalismo que tem por finalidade trabalhar a virtude maior do mesmo, a fim de prestar serviço à opinião pública levando à luz fatos desconhecidos por ela que constituem prejuízos, crimes contra a sociedade.

1.1 JORNALISMO INVESTIGATIVO: PANORAMA LATINO-AMERICANO

A distância do jornalista para a América Latina tem a mesma força da distância das elites sobre os movimentos populares.

Alexandre Barbosa

Palco de golpes de estado, guerras civis, desaparecidos, exilados, ditaduras e grande berço da dominação européia, a América Latina aparece no cenário jornalístico mundial como um continente esquecido.

Pesquisa feita pelo Centro Knight³, divulgada em 2014, constatou que apesar de haver grande interesse pelo jornalismo investigativo na América Latina, há pouca capacitação por parte dos profissionais nas escolas de jornalismo e, principalmente, falta de recursos para financiar tanto profissionais quanto reportagens.

A pesquisa do Centro Knight revelou dados alarmantes sobre a prática do jornalismo de investigação no continente. No mais importante deles, menos de 30% dos profissionais entrevistados pela organização trabalham em equipes que se dedicam, de fato, ao trabalho de investigação. Foi revelado ainda que grande parte dos jornalistas e estudantes acredita que o trabalho na área concede prestígio ao meio, porém, observa-se que não há interesse dos meios por investir em especialização para esses profissionais.

A realidade do jornalismo latino-americano é a de que, muito embora exista a prática do mesmo, essa existência se dá em condições precárias. Um fator preponderante sobre tal descaso pode ser justificado pela própria formação histórica e política da região, uma vez que a América Latina conta com um passado de dominação e opressão estrangeira que, sob o olhar de uma metodologia dedutiva, perduram e refletem nos dias atuais, sobre tudo no que se refere ao jornalismo.

Ao que tudo indica, os muitos anos passados sob a égide imperialista acabaram por fomentar uma espécie de falta de identidade e interesse dos latinos para com seu próprio cotidiano e do cotidiano latino para o resto do mundo. O grande continente ainda se apresenta para a sociedade global como um ambiente não-civilizado, representando, assim, uma massa de excluídos, uma periferia no mundo do jornalismo.

Segundo Barbosa (2004, p. 6), há uma “necessidade urgente de que surjam intelectuais orgânicos que dêem voz a essa América esquecida e isso se justifica porque há poucos intelectuais que se enxergam realmente como homens latino-americanos dispostos a defender esta condição”.

³ O Centro Knight é um programa de extensão e capacitação profissional para jornalistas na América Latina e Caribe. Disponível em: knightcenter.utexas.edu/pt-br/aboutus

Barbosa (2004) argumenta que há ainda uma censura por parte dos profissionais de jornalismo na América que acaba por propagar o pensamento excludente da imprensa para com o conteúdo investigativo produzido. Essa censura acontece, de fato, em detrimento do conteúdo internacional. Ou seja, os jornalistas se distanciam da América Latina e apenas notícias relacionadas aos Estados Unidos e/ou à Europa merecem destaque nos noticiários e demais veículos de informação. No dizer de Barbosa (2004, p. 14):

No caso do jornalismo, a dominação da censura imposta pelos jornalistas se apresenta como um intercâmbio entre jornalistas que querem difundir um manual de urbanidade e “civilidade” e os leitores/ouvintes/telespectadores (receptores) que encontram nestas informações censuradas algo útil às suas necessidades.

O caso do Brasil constitui um capítulo a parte na história do jornalismo investigativo latino-americano. Isso se deve ao fato de que os brasileiros ignoram ser parte da região da América Latina e por questões que envolvem desdém, preconceitos históricos em todos os aspectos (políticos, esportivos, etc.) e causas neo-liberais (capitalismo como agente seletor de interesse público). Trocando em miúdos, há uma espécie de isolamento do Brasil para com o resto do continente latino-americano, o que configura uma grave falha no sistema de difusão de informação da região e, conseqüentemente, reflete o modo como o jornalismo investigativo é processado em ambos os ambientes.

Devido a um processo histórico de esvaziamento das manifestações populares latino-americanas – empreendidas principalmente pela elite dirigente que historicamente sempre foi associada ao capitalismo estrangeiro – a América Latina não desperta interesse no público. Sua imagem está associada ao atraso, à corrupção, à pobreza (BARBOSA, 2004, *online*).

De acordo com Rogério Christofolletti, em artigo para o *Observatório da Imprensa* (2012), o jornalismo investigativo no Brasil se encontra em atual estado de expansão. Christofolletti destaca a falta de regulamentação de alguns órgãos no país que dificultam o processo democrático de franca viabilidade do trabalho na área e esquentam a discussão sobre o tema.

[...] o Brasil demonstra pouca disposição para enfrentar o assunto. Perduram a concentração dos meios nas mãos de poucos controladores, a falta de transparência no sistema de concessões de radiodifusão, o vácuo jurídico criado com o fim da Lei de Imprensa e a total inexistência de uma lei geral de mídia eletrônica, entre outros impasses.⁴

Um aspecto relevante a ser levado em consideração no que diz respeito ao jornalismo investigativo na América Latina é a questão da liberdade de imprensa, importante e controverso assunto entre profissionais e críticos especializados.

Recente relatório da organização Freedom House⁵ para o Jornalismo nas Américas, sobre a liberdade de imprensa, revelou que 2013 foi o ano com o nível mais baixo de liberdade para a mídia americana em cinco anos.

Todos os anos este relatório avalia o grau de liberdade de imprensa em 197 países e territórios, classificando-os em uma escala de 0 (mais livre) a 100 (menos livre) e classificando-os também como livres, parcialmente livres ou não livres. Em se tratando da América Latina, apenas três países foram classificados como livres e uma parcela de 2% da população vive em lugares com liberdade de imprensa.

Dentre os países considerados não-livres pelo relatório, Cuba aparece como o pior para a liberdade de imprensa, além de figurar entre os oito países mais mal avaliados do mundo. Apesar disso, Cuba aparece melhor no relatório que no ano anterior, 2012, principalmente pela queda no índice de perseguições a profissionais de jornalismo e ao amolecimento do sistema de emissão de vistos de cidadãos cubanos para fora do país.

A matéria do Jornalismo nas Américas fala ainda da situação de países como a Venezuela, onde, segundo a publicação, “os esforços do governo para controlar a mídia continuaram após o Presidente Nicolás Maduro assumir a presidência depois da morte de Hugo Chávez”.

⁴ CHRISTOFOLETTI, R. Cinco Desafios para o Jornalismo Investigativo. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed691_cinco_desafios_para_o_jornalismo_investigativo>.

⁵ A Freedom House é organização sem fins lucrativos fundada em 1941 e com sede em Washington D. C., Estados Unidos. Promove os direitos humanos, a democracia, a economia de livre mercado, o estado de direito, meios de comunicação independentes e o comprometimento dos EUA no exterior.

A situação da liberdade de imprensa na América Latina, com os números revelados pelo relatório da Freedom House acabam por questionar definitivamente o modo como se faz jornalismo investigativo na região e, não somente isso, mas as condições em que os profissionais da área praticam tal jornalismo, reunindo argumentos para traçar definitivamente um panorama atual da especialidade investigativa.

Por fim, um caso curioso observado no relatório para o Jornalismo nas Américas atentou para uma piora no resultado dos Estados Unidos no tocante a ser considerado um país de imprensa livre. Esse fato desemboca em um dos maiores escândalos envolvendo o governo do presidente americano Barack Obama: o caso Snowden.

Edward Snowden é um ex-funcionário da CIA, bem como ex-contratado da *National Security Agency* (NSA) que levou a público através dos periódicos *The Washington Post* e *The Guardian* detalhes de programas que compõem o Sistema de Vigilância Global de comunicação e tráfego de informações, de autoria da NSA.

Uma investigação minuciosa do caso, mais uma entrevista concedida por Snowden, acabaram por queimar a imagem dos Estados Unidos no mundo inteiro, respingando e acendendo investigações jornalísticas em vários outros países, inclusive, no Brasil. Por sua vez, a imprensa brasileira deu bastante destaque para investigações que apontavam que a então presidente Dilma Rousseff, como também, órgãos do alto escalão federal eram espionados pelo governo americano.

Resolutamente e de acordo com o texto da matéria no Jornalismo nas Américas “isto, junto com vários casos em que os repórteres que cobriam questões de segurança nacional foram obrigados a entregar seus materiais para o governo federal, ameaçou a capacidade dos jornalistas de proteger suas fontes”. E a essa ameaça é que se deve um dos maiores fatores da problemática do jornalismo investigativo na América Latina, pois vai ferir um ponto primordial nas práticas cotidianas da especialidade: a relação do jornalista com as fontes.

Essa ameaça ao exercício do jornalismo investigativo nos países latino-americanos não acontece apenas de forma dialética. Um ponto importante a ser discutido sob essa perspectiva diz respeito à violência sofrida pelos jornalistas durante a prática da profissão.

A América Latina aparece atualmente como uma das regiões mais violentas para jornalistas. Responsável pela situação mais preocupante, o México foi apontado pela organização Repórteres sem Fronteiras (RSF) como o mais perigoso para jornalistas e o relatório anual da organização para liberdade de expressão Artigo 19, como um dos países com maior índice de violência contra profissionais de jornalismo. O relatório considerou o ano de 2013 como o mais violento para jornalistas mexicanos desde 2007. O ano de 2013, aliás, foi o primeiro do mandato do presidente Felipe Calderón, que logo após assumir a presidência do país latino, declarou guerra ao narcotráfico.

Além da ameaça física real, outro tipo de violência ao trabalho de investigação jornalística está relacionada a uma espécie de “censura indireta”, “eficaz para disseminar um falso sentimento democrático e, ao mesmo tempo, silenciar jornalistas”, assim como assinala Mariângela Urbana Cautela⁶ em artigo intitulado *Novas mordanças para a América Latina - a censura jornalística se moderniza* (2014), reproduzindo fala do advogado da Fundação para a Liberdade de Imprensa na Colômbia (Flip), Emmanuel Vargas. Mariângela assinala que na América Latina atual: "Autocensura, perseguições judiciais e pressão econômica são as novas e efetivas formas de evitar notícias sobre delitos ou opiniões críticas de interesse público."

Um caso bastante relevante descrito por Castilla (2014) no artigo para o site do Goethe Institut relata:

Em 2013, na Argentina, enquanto o governo de Cristina Fernández e o Grupo Clarín (proprietário do *Clarín*, um dos jornais diários de maior circulação na América Latina, entre outros meios de comunicação) discutiam a “Lei das Mídias”, a presidente Fernández apresentou um projeto de lei cujo intuito era desapropriar a maior parte da empresa Papel Prensa, a única produtora de papel para impressão de jornais no país. Além disso, o governo argentino foi questionado pelo uso arbitrário de publicidade oficial. Alguns meios de comunicação são muito favorecidos, mas os que não agradam à administração e têm uma postura crítica em relação a ela precisam fazer toda a espécie de sacrifícios para sobreviver às péssimas condições econômicas a que o governo os condena.

⁶Mariângela Urbina Castilla estuda Jornalismo na Universidade Javeriana, é assistente editorial da revista “Directo Bogotá” e colaboradora da “Vice Magazine”.

O caso relatado no texto de Mariángela Urbina Castilla exemplifica sucintamente as novas formas de censura impostas á mídia investigativa latino-americana e que, de fato, compõem o panorama atual do jornalismo de investigação na região.

Em contrapartida a esse panorama, profissionais de jornalismo vêm se organizando ao longo dos anos em organizações de colaboração mútua que possibilitam não só a manutenção dos ideais do jornalismo investigativo como a abertura do debate sobre as condições de trabalho e os riscos da profissão.

Grande responsável pelo sentimento de colaboração que ultrapassa fronteiras, a internet aparece como ferramenta facilitadora do cotidiano jornalístico, uma vez que oferece espaço para troca de informações entre profissionais e entre estes profissionais e suas fontes. Não à toa pode ser considerada a principal agente na sobrevivência de instituições que ajudam a manter acesa a chama do jornalismo investigativo na contemporaneidade.

Na América Latina destacam-se duas organizações: o CPI(Centro de Periodistas de Investigación), com sede na Cidade do México e a brasileira Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo).

O CPI nasceu da forte atuação do IRE (Investigative Reporters and Editors) no caso do assassinato de um de seus fundadores, o jornalista Don Bolles, em 1976. Na ocasião, o crime suscitou uma insurreição em defesa dos princípios de liberdade de imprensa, o que mais tarde se tornaria modelo para a criação de outras organizações pelo mundo.

Logo após o assassinato de Bolles, o IRE moveu 38 jornalistas de 28 jornais e redes de televisão americana para conduzir uma investigação sobre o caso. O objetivo não era unicamente encontrar o assassino de Don Bolles, mas também denunciar a ousadia e o tamanho do poder que o crime organizado do Arizona tinham.

Referência na América Latina e modelo para o resto do mundo, hoje o CPI “disponibiliza bancos de dados em espanhol que incluem arquivos de matérias e links na internet” (Fortes, 2005, p. 29).

De acordo com a descrição encontrada no próprio site da associação, a Abraji foi criada no ano de 2002 por jornalistas brasileiros interessados em trocar informações e dicas

sobre reportagens investigativas. É uma organização mantida pelos próprios membros, não possui fins lucrativos nem preferências políticas ou partidárias.

Fortes (2005, p. 27) fala do caráter institucional da associação, afirmando que ela “disponibiliza informações sobre técnicas de reportagem, uso de ferramentas de informática, como internet, planilhas e bancos de dados, para aprofundar a apuração” e conta ainda com um site atualizado frequentemente.

Ainda sobre o Brasil, em 2011 foi criada a Pública, agência de notícias independente que debruça sua produção no jornalismo investigativo de interesse público e, segundo Lilia Diniz (*Observatório da Imprensa*, 2012), “abre espaço para temas pouco explorados pela imprensa brasileira”, trabalhando com pautas diversificadas.

De acordo com a descrição encontrada no próprio site da agência, sua missão é “produzir reportagens de fôlego pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos”. Tem como principais nichos investigativos questões relacionadas à ditadura brasileira, aos mega investimentos na região da Amazônia e os preparativos para a copa do mundo 2014.

Os exemplos do CPI, da Abraji e da Pública servem para ilustrar definitivamente o panorama contemporâneo do jornalismo investigativo na América Latina. Sobre esse questionamento, pode-se enveredar por dois eixos fundamentais.

No primeiro, constata-se que há pouco ou nenhum investimento na área de jornalismo de investigação, não obstante o interesse dos profissionais. Essa falta de interesse das empresas e escolas de jornalismo se dá por um arraigado pensamento anti-latino, de alto censura, onde o interesse internacional prevalece sobre o interesse local e as notícias de proximidade são tratadas como periféricas.

No segundo eixo, finalmente, constata-se que a internet aparece como facilitadora das práticas e rotinas jornalísticas, além de ter naturalmente (por consequência da organização e ajuda mútua dos jornalistas) um espaço de colaboração e cooperação internacional dentro da própria América Latina.

1.2 MECANISMOS DE APURAÇÃO DA NOTÍCIA

Um dos maiores consensos entre profissionais e estudiosos da área é, sem sombra de dúvidas, a premissa de que jornalismo é, acima de tudo, apuração. Aliás, jornalismo é pesquisar, perguntar, procurar, insistir, analisar, interpretar e todo e qualquer verbo mais que possa equiparar-se ao sinônimo de apurar.

Voltemos aos primórdios do jornalismo, mais precisamente, numa de suas fases de transição. Logo após o surgimento da imprensa, os interesses da burguesia, classe então em ascensão, tornam-se o eixo que movimenta a sociedade. Nesse contexto, o jornalismo começa a ser tratado como uma profissão séria e questões como credibilidade e variedade de fontes para ouvir mais de uma versão da mesma história entram na pauta das discussões sobre as práticas jornalísticas.

Porém, de acordo com Schmitz (2011), o jornalismo como vemos hoje é fruto do final do século XIX e grande mérito dos norte-americanos, quando passa de um modelo transmissivo para assumir de vez o caráter informativo da contemporaneidade. Isso porque antigamente, o jornalista costumava ser aquele que não perguntava às fontes: apenas emitia o ocorrido de acordo com suas impressões e opiniões pessoais. É interessante notar que quando os profissionais da área começaram a centrar o que de fato era notícia, na busca pela verdade, pela objetividade e, considerou-se a prestação de serviço público, o jornalismo foi radicalmente modificado.

É importante salientar que quando se trata de jornalismo investigativo, a notícia é apenas um ponto de partida. A reportagem, com os desdobramentos do caso relatado primeiramente na notícia é que vai traduzir a essência do jornalismo feito sob investigação. Neste âmbito, é possível atrelar a cobertura jornalística sobre determinado fato ao conceito de jornalismo investigativo, por se tratar do trabalho incansável de profissionais que buscam uma dada verdade.

O que se vê nos dias atuais é uma onda de “denuncismos”, como explica Pena (2005), na qual não se estabelecem limites entre o que é jornalismo e o que é de dever judicial. Isso, de acordo com autor, constitui um grave erro na prática diária do jornalismo

investigativo e deve ser evitado. "Na busca incessante pelo furo, repórteres antecipam-se ao trabalho judiciário e acabam produzindo julgamentos públicos. Isso não é jornalismo investigativo". (PENA, 2005, p. 202).

Exemplo mais recente dessa questão foi o caso Isabella Nardoni, ocorrido no Brasil em março de 2008. O caso, que teve grande repercussão no país, rendeu grande trabalho de investigação diária tanto da polícia responsável quanto por parte da mídia, que deu total cobertura ao ocorrido durante semanas.

A menina Isabella Nardoni, então com 6 anos de idade, foi encontrada em estado grave após ter sido arremessada do sexto andar do edifício onde passava os fins de semana com o pai, a madrasta e os dois irmãos mais novos. O pai, Alexandre Nardoni, declarou que o apartamento onde morava havia sido assaltado no espaço de tempo em que deixou a filha mais velha dormindo no quarto e desceu para buscar a mulher e os filhos mais novos.

Numa investigação cheia de contradições e fatos divulgados pela mídia, o caso caminhou para a prisão do casal Nardoni. Na época, analistas chegaram a declarar que justamente a mídia era responsável pela condenação de Alexandre Nardoni e Ana Jatobá, uma vez que o grande apelo popular decorrente da atenção monstruosa que os veículos de comunicação deram ao crime, acabou por suscitar antes mesmo do veredicto judicial, uma condenação pela opinião pública.

Essa prática muitas vezes irresponsável do jornalismo de investigação tende a transformar o mesmo numa espécie de monstro da área. É preciso considerar deveres éticos, observar bem o conceito de opinião pública e, ao mesmo tempo, compreender a força e a importância que é emitir opinião sendo jornalista; perde-se, nesse caso, porque atualmente confunde-se o fazer jornalismo de investigação com o trabalho de órgão da justiça. Como argumenta Pena (2005, p. 204), o jornalismo investigativo “pode ser mais do que uma prática profissional: pode ser um instrumento cívico”, se e somente se for feito com responsabilidade. A tal busca incessante pela verdade dos fatos não pode, em hipótese alguma, servir como alibi para a prática do mau jornalismo.

1.2.1 RELAÇÃO COM AS FONTES

Quem conta um conto, aumenta um ponto.

Dito popular

Durante o processo de apuração da notícia, o jornalista se vê na tarefa de ouvir testemunhas, parentes e amigos de vítimas, funcionários e ex-funcionários de empresas, anônimos ou não, pessoas de alguma forma envolvidas com o fato que se investiga. Esse conjunto de pessoas que dão sua versão de casos e ajudam muitas vezes a começar ou a solucionar casos, dá-se o nome de fontes.

Para Schmitz (2011, p. 9): “a maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia”. A fala do autor se concretiza no contexto do mundo globalizado, no qual, o jornalista é visto como um ser que precisa de alguma forma ser onisciente e, nesse âmbito, escrever sobre notícias que não presencia. Schmitz (2011) argumenta que foi esse fato que provocou a criação de assessorias de imprensa, prontas para fornecer material para os jornalistas.

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Mas a relação entre fonte e jornalista não configura necessariamente algo completamente seguro e benéfico para a construção da reportagem investigativa e na busca da chamada “verdade jornalística”. Para Pena (2005, p. 58), “a fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato”. Felipe Pena explica seu ceticismo em torno da relação jornalista/fonte usando como argumento a premissa de que, muito embora existam pessoas dispostas a fornecer informações corretas, a própria aproximação do profissional de jornalismo já basta para mudar categoricamente os rumos das mensagens emitidas pela fonte.

Aí, adentramos a teoria da *agenda setting*, na qual a mídia tem o poder de pautar o que será assunto na atualidade, que nesse caso, serve bem para ilustrar o fenômeno que ocorre quando uma fonte agenda os temas pautados para a esfera da opinião pública. São as chamadas “fontes oficiais”, que têm por finalidade ocultar certas informações em benefício de outras. Sobre isso e, de volta ao argumento de Aldo Antonio Schmitz, há a seguinte conclusão:

Se, em invés de serem pautadas, as fontes pautam, então se estabelece um poder que mede força com o “poder da imprensa”. Mas, as fontes não estão preocupadas com isso, e sim em estabelecer uma conexão estruturada para agendar os meios e comunicar-se com os seus públicos prioritários (stakeholders) e a sociedade. (SCHMITZ, 2011, p. 10).

As relações contemporâneas entre jornalistas e fontes se inserem num contexto em que cada vez mais a fonte gera uma situação de comodidade para o profissional de jornalismo. Essa comodidade advém do fato de que fontes oficiais geram as notícias, tirando do jornalista, na maioria das vezes, sua parte no processo de checagem, de investigação. Sendo assim, o profissional da área acaba se tornando apenas um mediador entre fontes e público, no processo de divulgação das notícias e de seus possíveis desdobramentos.

A fonte acaba por adquirir esse “poder sobre o poder jornalístico” porque o trabalho do jornalista é centrado na notícia, que por sua vez, tem na objetividade o grau de credibilidade para esse trabalho; no fim desse processo, a objetividade cuida em colocar a fonte como núcleo da apuração, pois é a partir do depoimento dela, mesmo que representem apenas suspeitas ou pontos de vista particulares, confirmam questionamentos feitos durante as investigações. E essa é a essência do jornalismo investigativo.

O critério de noticiabilidade surge, não obstante as estratégias de atração das fontes oficiais, como principal força de combate no tocante ao agendamento da pauta pública pelas fontes. O que é ou não de interesse da sociedade em geral é algo extremamente discutível, porém é inegável que como “poder” diante da população, o jornalismo suscita o que vai ser debatido num determinado espaço de tempo na esfera da opinião pública e as fontes são seus principais aliados na força motriz dessas notícias, reportagens e coberturas.

Atualmente, a principal problemática no que diz respeito ao relacionamento jornalistas/fontes está ambientada no ciberespaço. Apesar de não ser regulado dentro das organizações de comunicação, as informações fornecidas por fontes em redes sociais e na internet em geral são usadas por altíssima parcela dos profissionais que trabalham com jornalismo investigativo.

Para se ter uma ideia, recente pesquisa feita pelo *Centro Knight para o Jornalismo* nas Américas revelou que estudantes e profissionais da América Latina afirmam que “as redes sociais são espaços úteis para fazer jornalismo investigativo e especialmente para descobrir os temas que as pessoas comentam”. Os resultados da pesquisa não confirmam apenas uma tendência global de compartilhamento de informações em rede, mas também, confirma mudanças significativas no *modus operandi* do jornalismo investigativo na atualidade.

O jornalista tem total autonomia para publicar conteúdo advindo de redes sociais, inclusive, sendo incentivado muitas vezes a apurar notícias pela internet. Em espaços como a rede social *Facebook*, é muito comum comentaristas de páginas tornarem-se fontes (e talvez personagens) para matérias através de um clique do jornalista que monitora aquele espaço.

O imediatismo da rede pode acarretar problemas sérios na apuração das notícias. Diante disso, Felipe Pena questiona como encontrar critérios de confiabilidade no ciberespaço? E em seguida pondera: "Essa pergunta, no entanto, só tem cabimento sob a perspectiva do jornalismo clássico, em que os veículos tradicionais detêm o monopólio da mediação". (PENA, 2005, p. 62).

Faz-se necessário que profissionais de imprensa saibam lidar com o grande fluxo de informações advindas da internet, uma vez que “o que cai na rede é imediatamente de domínio público” e nem sempre verdadeiro. O comodismo proporcionado pela facilidade de pesquisa em rede constitui um dos maiores desafios do jornalismo investigativo no sentido de apurar informações correndo riscos de credibilidade e de falsificação de notícias, de acordo com o interesse da fonte.

1.2.2 RISCOS DA PROFISSÃO

O ano de 2002 foi um ano obscuro para a história do jornalismo brasileiro. O jornalista gaúcho Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, mais conhecido como Tim Lopes, foi torturado e morto por traficantes na favela da Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro. O fato, ocorrido em junho daquele ano, aconteceu logo após os criminosos descobrirem que Lopes fazia uma reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, além de abuso de menores e tráfico de drogas no subúrbio carioca. Uma matéria especial de 2013, no acervo do site de O Globo, detalha a investigação sobre o caso:

Depoimentos de testemunhas e dos envolvidos no caso, indicaram que Tim fora sequestrado, torturado, julgado e executado por traficantes, comandados por Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco. O corpo foi carbonizado, numa fogueira de pneus, o chamado microondas. Somente em 5 de julho, um exame de DNA confirmou que os restos mortais encontrados num cemitério clandestino, no alto da favela, eram mesmo do jornalista.⁷

Tim Lopes já havia subido ao morro pelo menos três vezes anteriormente e esperava finalizar a matéria, que começou com denúncias de moradores da favela sobre festas regadas à drogas, com menores e patrocinadas pelo tráfico. De acordo com o especial de O Globo, o jornalista tinha experiência no assunto, tendo recebido recentemente prêmios importantes de jornalismo investigativo, como o Prêmio Esso de Telejornalismo e o Prêmio Líbero Badaró. Na época, o crime levantou o debate sobre os limites da imprensa e os riscos que profissionais de jornalismo sofriam durante investigações.

O caso Tim Lopes⁸ serve como ponto de partida da discussão sobre os riscos que jornalistas sofrem durante suas práticas cotidianas. O processo de apuração da notícia, bem como a construção da reportagem resultante da investigação jornalística, acarreta riscos para os profissionais de imprensa que trabalham sob a batuta desse tipo de jornalismo.

⁷ Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/tim-lopes-torturado-assassinado-por-trafficantes-na-vila-cruzeiro-8903694>>

⁸O “caso Tim Lopes” teve ampla cobertura da imprensa e causou comoção entre profissionais da imprensa brasileira. Dos oito criminosos envolvidos, seis foram presos e dois morreram. O traficante Elias Maluco, principal suspeito do crime, recebeu a sentença de 28 anos e meio de prisão e atualmente, cumpre pena no presídio Federal de Campo Grande (MS).

Fortes (2005) diz que “jornalismo não é, definitivamente, uma profissão para preguiçosos, muito menos para covardes”. A prática diária de um jornalismo comprometido com a tão famosa busca pela verdade mistura o que o saudoso escritor colombiano Gabriel García Márquez chamou de “paixão insaciável” pelo jornalismo com a objetividade que os profissionais da área tomam como princípio norteador de seus trabalhos.

De acordo com números fornecidos pela ONG Repórteres Sem Fronteira (RSF), pelo menos um jornalista é morto ao redor do mundo enquanto trabalha. E a violência contra os profissionais de imprensa não é uma exclusividade de países em conflito: cresce cada dia mais em países de relativa democracia e liberdade de imprensa.

Fator importante do caos que envolve a segurança de jornalistas ao redor do mundo, a impunidade aparece como mazela na luta contra a violência de quem trabalha com jornalismo. Muitos desses profissionais se sentem intimidados e recebem ameaças, o que gera o medo da denúncia em forma de registro policial.

Em artigo para o site Mídia Sem Máscara, publicado em outubro de 2013, o jornalista Pedro Corzo discorre sobre a violência contra Jornalistas na América Latina, ligada ao crime organizado, mas, sobretudo ao sentimento de impunidade vigente:

[...] o exercício de informar está sujeito às limitações que impõem as diferentes fontes de poder que concorrem nessa sociedade, por isso quando os jornalistas transgridem os limites que os poderosos impõem, convertem-se para os depredadores no objetivo a destruir, sejam estes governos ou sicariatos.⁹

O crime organizado, aliás, tem sido o principal algoz dos jornalistas. O narcotráfico, as milícias separatistas de países em conflito político/étnico e até grupos ligados ao alto escalão dos governos mundiais encabeçam a lista dos vilões nos crimes cometidos contra a imprensa.

⁹CORZO, P. Jornalismo: Um Ofício Perigoso na América Latina. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.org/artigos/internacional/america-latina/14605-jornalismo-um-oficio-perigoso-na-america-latina.html>>

Um outro caso ocorrido no Brasil que teve bastante atenção de mídia e opinião pública foi a morte do cinegrafista da Rede Bandeirantes, Santiago Ilídio Andrade, durante manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o cinegrafista foi atingido por um rojão, enquanto cobria o confronto entre polícia e manifestantes. Santiago teve morte cerebral confirmada dias depois do acontecido.

A sensação de insegurança durante o exercício da profissão foi duramente questionada, uma vez que não existe, de fato, uma federalização dos crimes cometidos contra jornalistas não somente no Brasil, mas em dezenas de outros países pelo mundo.

Com o crescimento dos crimes cometidos contra profissionais da imprensa, a ONU criou o “Plano de Ação da ONU para a Segurança de Jornalistas e a Questão da Impunidade”. O objetivo do projeto é implantar políticas nacionais de proteção aos jornalistas, com base em uma parceria entre representantes do governo, da sociedade civil e do Estado. Dentre outras coisas, o plano inclui medidas legais como acabar com a ameaça de prisão de jornalistas por exercer a profissão, eliminar a impunidade e investigar os casos de violência, além de respeitar a confidencialidade das fontes.

O debate movimenta a categoria dos profissionais de jornalismo porque questiona os limites da profissão. O “até onde se pode ir pelo que acredito” se torna a pergunta norteadora das discussões a cerca de crimes tão hediondos cometidos contra jornalistas em pleno exercício de suas funções.

Sobre essa questão e, por fim, Leandro Fortes pondera:

O conceito em questão é aquele em que, em nome da verdade – ou da vaidade – encontram-se jornalistas dispostos a expor a vida a enormes riscos, com a tácita concordância de dirigentes de redação (FORTES, 2005, p. 74).

Não existe uma cartilha que regulamente o que vale ou não no processo de investigação de um caso, com o fim de construir uma matéria jornalística. Os meios pelos quais os repórteres trabalham são discutíveis, mas a questão em si descamba para o campo da ética profissional, tema de teor filosófico que sustenta a persona jornalística – o perfil profissional diante de casos paradoxais – e assunto de nosso próximo tópico.

1.3 ÉTICA NO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO

A ética deve acompanhar sempre o jornalismo, como o zumbido acompanha o besouro.

Gabriel García Márquez

Os princípios da ética remontam aos gregos, na antiguidade, onde o derivativo *ethos* tinha relação de significado com o modo de ser de uma dada pessoa; em suma, ao caráter. É uma espécie de referência para que os indivíduos consigam viver em sociedade através de atitudes de julgamentos críticos da moral vigente, o que faz com que esses indivíduos adicionem humanidade ao próprio comportamento perante o mundo em que vivem.

No jornalismo de investigação a questão da ética atua como fator primordial em todos os aspectos. Seja na relação com as fontes, seja no trato do que se está investigando, ou mesmo nas informações que serão divulgadas na reportagem, a responsabilidade do jornalista a cerca do que será levado a público é grande.

Quando se lida com a opinião pública e se tem noção do quanto à repercussão de um determinado caso noticiado pode acabar com imagens, condenar pessoas e tantas outras agruras que figuram o campo das consequências, ser jornalista se torna tarefa das mais complexas.

Para Pena (2005), o jornalismo é como um tecido sem fibrose, que quando atingido, não se regenera. Segundo analogia do autor, quando um indivíduo – ou a própria imprensa – é atingido pela calúnia, as feridas abertas pela difamação não se curam, porque o dano causado por uma notícia, reportagem ou mesmo suspeita durante investigação acabam por gerar malefícios quase que irreparáveis:

A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo (PENA, 2005, p. 113).

A sociedade se condiciona no velho paradigma da luta entre o bem e o mal, no qual, por sinal, o primeiro sempre vence o segundo no fim das contas. A alegoria da luta do bem contra o mal aproximasse muito do conceito de ética empreendido por Aristóteles¹⁰. Aproximasse porque o filósofo constrói o conceito de ética a partir da construção dos conceitos de felicidade e virtude, que serão irreversíveis no processo de compreensão da ética.

Ora, a virtude é determinante no comportamento humano, pois é a linha tênue que divide as boas e más ações. Nesse caso, a ética lida com as atitudes humanas; essas atitudes mudam de acordo com o modo com que se interpretam os fatos cotidianos, exatamente como o fazer jornalístico diário.

A notícia é o núcleo e ponto focal do trabalho do jornalista. Ela é o motivo que o guia no trabalho e também, mercadoria que provém seu ganha-pão. Diante disso, acirra-se a discussão em torno da ética profissional numa conjuntura onde os interesses privados de terceiros aparecem como decisivos na notícia que se lê todos os dias nos jornais e demais veículos de comunicação. Ter a notícia como mercadoria deve sugerir um trabalho compromissado com os princípios éticos do jornalismo e oferecer boa qualidade de informação, satisfazendo às necessidades de consumo dos leitores.

A ética se relaciona intrinsecamente com o sentido de justiça social. Para Alessandra Silvério¹¹, em artigo sobre ética no jornalismo, atualmente os jornalistas vivem num tipo de “redoma”, na qual são obrigados a agir de forma não ética para acatar os princípios de trabalho das empresas para as quais trabalham. E é nas brechas procuradas pelos profissionais de imprensa para driblar a ética jornalística que, segundo Alessandra, “se encontram os interesses escusos que geralmente caminham em sentido contrário ao Código de Ética que rege a conduta moral e legal do jornalista”.

¹⁰Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.) foi um filósofo grego, discípulo de Platão. Seus estudos filosóficos baseavam-se em experimentações para comprovar fenômenos da natureza, porém durante toda a sua vida, escreveu sobre as mais variadas áreas. Valorizava a inteligência humana e a educação, únicas formas, segundo o filósofo, de alcançar a verdade.

¹¹Alessandra Silvério é formada em Jornalismo pela Universidade Tuiuti do Paraná e pós-graduanda em Comunicação Audiovisual pela PUC-PR. É criadora e diretora do site “Jornalismo: uma questão de ética”.

O afastamento do comportamento ético se dá principalmente pela disputa de audiência entre veículos, a briga acirrada pelo furo jornalístico, que tanto mal tem feito para o jornalismo em geral e que faz inúmeros profissionais da área perder a credibilidade.

Sobre esta questão, Alessandra Silvério discorre:

Neste momento em que a lógica do espetáculo e do entretenimento contamina os veículos jornalísticos, em que as megafusões de empresas de comunicação aumentam como nunca o poder da mídia em todo o mundo, há uma significativa perda de valores de cunho ético e jornalístico entre exercício da profissão e dos profissionais envolvidos no contexto.

No site da Associação Brasileira de Imprensa, encontram-se elencados alguns princípios internacionais da ética profissional no jornalismo que servem como inspiração para outros códigos de ética de profissionais de jornalismo afins. O princípio que fala sobre a responsabilidade social dos jornalistas é preciso e coeso em afirmar que a “informação em jornalismo é compreendida como bem social e não como uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade em relação à informação transmitida”.

Supõe dizer, então, que a responsabilidade social do jornalista necessita que o profissional atue, em qualquer que seja a circunstância, em paridade com uma consciência ética pessoal.

O ato de burlar a ética profissional não é uma falha que trás danos apenas no sentido de tornar o jornalismo um grande espetáculo e basear o exercício do trabalho numa briga entre jornalistas. Muitas vezes empresas e outras instituições se aproveitam dessa falha para armar esquemas de informações falsas que acabam por gerar consequências catastróficas. Um caso importante a ser considerado foi o ocorrido com a jornalista do periódico americano *The New York Times*, Judith Miller.

Miller, repórter veterana do jornal nova-iorquino, foi com efeito a jornalista que mais prolificamente escreveu sobre as armas de destruição em massa (AMD) do governo de Saddam Hussein, divulgando informações fraudulentas, supostamente “vazadas” por fontes

do governo do presidente Bush. Defendeu com afinco, também, a tese de que tais armas existiam.

O escândalo envolvendo a jornalista teve início quando Judith se negou a identificar fontes durante investigação sobre um caso de revelação da identidade de uma agente secreta da CIA. A questão envolveu nomes do alto escalão do governo de George W. Bush e representou a queda da credibilidade para os motivos alegados pelo presidente republicano no tocante à invasão ao Iraque, além de suscitar o debate sobre a liberdade de imprensa ao redor do mundo. A jornalista se recusava a identificar as fontes ligadas ao governo que lhe vazavam as principais informações para seus textos.

Após um período de três meses presa, Judith Miller acabou quebrando o silêncio e colaborando com as investigações. A jornalista alegava quebra de decoro com as fontes como principal motivo para a recusa de depoimento, demonstrando alto grau de profissionalismo e respeito à ética que reveste os códigos deontológicos do jornalismo.

Para Argemiro Ferreira, em artigo ao Observatório da Imprensa, Miller não é vítima nem heroína. Muito além disso, Ferreira levanta questionamento importante sobre o que está “por baixo dos panos” no caso:

A situação mais comum é precisamente a que agora envolve Judith Miller, do New York Times, e Matthew Cooper, da revista Time. Por circularem nos corredores do poder em Washington, costumam ser premiados com vazamentos. A escolha é menos por serem profissionais competentes ou honestos, ou por produzirem texto de qualidade, ou pela capacidade de análise. São eleitos por se prestarem a manipulação.¹²

A manipulação a que Argemiro se refere revela a postura anti-ética adotada ou mesmo, grosso modo, compactuada por jornalistas como Judith Miller. A atitude complacente dos profissionais de imprensa ajuda organizações a disseminar informações fraudulentas, manipulando não só o que é noticiado como também a opinião pública. Isso, de fato, constitui uma afronta à ética jornalística e um grave crime contra o acesso à informação.

¹²Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/judith_miller_nem_vitima_nem_heroina>.

Ainda segundo opinião de Argemiro Ferreira, o caso de Miller fere a ética da profissão porque se baseia num jogo de auto promoção da repórter, um mero caso de vaidade que culminou em consequências desastrosas para a jornalista:

O caso de Miller, como tenho repetido nesta coluna, é um escândalo para figurar na história do jornalismo. Qualquer alta autoridade inclinada a atemorizar o país e o mundo com mentiras irresponsáveis para obter certos efeitos parece contar com a ajuda dela. Miller prestou-se a papel melancólico especialmente na veiculação das informações fraudulentas sobre as armas de destruição em massa (AMD) do Iraque.

O desfecho do caso Judith Miller não foi agradável nem para o então governo Bush, quanto para a jornalista do *The New York Time*. A análise política e a interpretação dos fatos noticiados, além de investigações jornalísticas sérias a respeito do caso, deram conta de revelar as verdadeiras intenções por trás da investigação do vazamento do nome da agente da CIA, escândalo que levou Miller à prisão.

Dois fatos importantes devem ser levados em consideração, segundo o comentarista político Boaventura de Sousa Santos: “não havia armas de destruição em massa no Iraque e a administração Bush sabia disso quando decidiu a invasão; as reportagens da jornalista do NYT foram parte de um esquema impressionante de manipulação da opinião pública e de produção de informação falsa que envolveu muitos meios de comunicação e jornalistas, não só nos EUA, como no resto do mundo”.

Colunista do site Carta Maior, Boaventura acredita que o caso Judith Miller caracterizou uma “monumental fraude contra a opinião pública mundial”. O argumento do jornalista é uma premissa lúcida dos termos que envolvem o código deontológico do jornalismo de investigação.

O código deontológico do jornalismo se refere a um conjunto de deveres e obrigações que os profissionais de jornalismo devem adotar. Já o código de ética do jornalismo é uma espécie de cartilha que reúne regras técnicas, de cunho behaviorista, inspiradas em critérios de bom senso, bom gosto e, principalmente, rigor profissional. É um

conjunto de indicações de posturas, comportamentos que os profissionais de jornalismo devem seguir no exercício da profissão.

No Brasil, o Código de Ética dos Jornalistas¹³ já vigora a mais de 20 anos, tendo em 2007 atualização. A Federação Nacional dos Jornalistas é a responsável por, através da Comissão Nacional de Ética (CNE), elaborar o texto do regimento, além de disciplinar a aplicação do código.

Para Fortes (2005), “é um texto de formato burocrático, sem charme ou beleza de estilo, com jeitão de lei, enumerado a partir de artigos, incisos e parágrafos”. De fato, o texto atualizado do Código de Ética dos Jornalistas tem pouca relevância no plano prático dos profissionais de jornalismo. Figura mais no plano romântico da visão de jovens estudantes de jornalismo que no exercício diário da profissão.

É necessário salientar que, antes de tudo, ética e jornalismo investigativo estão ligados por dois preceitos fundamentais, a saber, checar e ouvir. Um código de ética, mesmo que ineficaz na vida real, deveria servir de inspiração pessoal para todo e qualquer jornalista, no sentido de se tornar mais uma filosofia de vida profissional que uma cartilha a ser seguida piamente.

Utopias à parte, a função idealizada do jornalismo é exatamente a de democratizar as informações a partir de uma decodificação isenta de seus significados, liberta de preconceitos e pressões, embora a vida real teime em impor todo tipo de obstáculo ao conjunto de procedimentos dessa atividade, cujo caráter intelectual está cada vez mais atrelado ao campo comercial, ou aprisionado por ele, tanto faz (FORTES, 2005, p. 25).

A ética para o jornalismo como um todo funciona como a doutrina para o seguidor de uma determinada religião: fundamenta os cânones profissionais que o jornalista deve seguir; mas não constitui uma máxima. É necessário entender o exercício da profissão como uma espiral na qual se movimentam numa constante inúmeros fatores que, juntos, formam o que chamamos de Jornalismo.

¹³Segundo a FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), “o Código de Ética dos Jornalistas fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação e entre jornalistas”.

O mais importante para a prática do jornalismo de investigação é saber se desvencilhar desses fatores e se tornar independente: o mercado corporativo que rege a imprensa não deve jamais ser usado como meio para se promover reportagens de cunho investigativo, bem como as práticas ilegais não devem acompanhar o trabalho do jornalismo, de modo que beire o “denuncismo”, o trabalho legitimamente policial.

Muito se discute a respeito do uso de câmeras escondidas, escutas, grampos telefônicos, identidades falsas, etc. O assunto é polêmico e gera controvérsias entre estudantes de jornalismo e profissionais experientes. Ora, como tratar o que ético ou não quando se trabalha com informações capazes de derrubar gigantes corporativos, altos cargos do governo, dentre tantos outros personagens ligados a crimes e fraudes graves contra a sociedade?

Para Sequeira (2005), o trato da investigação jornalística deve ser cuidadoso e o controle das informações é primordial para a divulgação de uma reportagem não apenas competente, como revestida de valores éticos e genuinamente profissionais.

(...) o jornalista não pode denunciar uma situação só porque ela lhe parece corrupta ou incorreta, ou porque alguma fonte de informação lhe tenha sugerido. É sua obrigação ter em mãos provas documentais e toda informação pertinente ao tema. Enfim, mesmo que momentaneamente, o jornalista deve se converter em um expert no assunto que irá reportar – ou, pelo menos, ter em mãos os fatos essenciais que o levem a compreender exatamente o que está acontecendo (SEQUEIRA, 2005, p. 93).

O artigo 4º do Código de Ética dos Jornalistas – atualizado - diz que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. A apuração e a busca pela “verdade jornalística” aparecem como pilares fundamentais da atividade de noticiar. O artigo, que faz parte de um capítulo dedicado à conduta do jornalista, reafirma a idéia de que o trabalho jornalístico deve ser centrado num comportamento dito correto, o que vai de encontro com algumas práticas de investigação adotadas pelos profissionais de imprensa durante a construção de reportagem que denuncie determinado caso. A “sua correta divulgação” é um termo subjetivo que entra como dicotomia no mundo do jornalismo

investigativo: “o que é correto segundo a ética do trabalho” e “o que é correto segundo a ética da empresa pela qual eu trabalho”.

O artigo 8º fala que “o jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor”. Ora, a responsabilidade é uma questão a ser analisada do ponto de vista de que o que é divulgado como resultado de uma investigação jornalística tem que ser incansavelmente apurado. Confirma a tese de que estudar o caso detalhadamente para oferecer conteúdo objetivo para a o público é algo imprescindível. Jornalismo investigativo bem feito é jornalismo investigativo bem apurado e compromissado com a necessidade da opinião pública. As informações resultantes de uma investigação não podem extrapolar o que é jornalístico e adentrar o universo policial, muito embora, em algumas editorias as duas vertentes andem de mãos dadas. Jornalismo investigativo bom é jornalismo investigativo responsável, centrado no que é de extrema necessidade ser levado à luz da sociedade, deixando de lado maniqueísmos e comportamentos que manchem a qualidade da investigação.

Um caso a ser lembrado e que remete à problemática da responsabilidade jornalística diante de reportagens investigativas foi o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, no Guarujá, litoral de São Paulo.

Tudo começou com a circulação de um boato nas redes sociais a cerca de uma mulher que estaria seqüestrando crianças para rituais de magia negra naquela região. O mito, bastante difundido por uma página chamada “Guarujá Alerta”, alcançou dimensões inesperadas, principalmente depois que um suposto retrato falado foi divulgado. Confundida na rua por populares, Fabiane de Jesus foi espancada e morta por moradores do bairro de Morrinhos.

Curiosamente, no mesmo dia em que Fabiane foi morta, outra mulher havia alertado a página “Guarujá Alerta” de que estava sendo confundida com a real criminosa e que tirassem do ar o retrato falado, pois estava sofrendo ameaças. A página em questão se caracteriza por apresentar conteúdo de interesse dito geral e denúncias, pretensamente de teor “jornalístico”.

Em artigo para o *Observatório da Imprensa* (2014), Luciano Martins Costa diz que os conteúdos postados no Guarujá Alerta “evidenciam que seus autores são pouco versados no

idioma e desconhecem as regras básicas do jornalismo”. Obviamente se trata de uma página que não trabalha com jornalismo propriamente dito. Boatos, denúncias sem apuração, mas principalmente, alimentar o debate popular irracional não caracteriza jornalismo investigativo sob hipótese alguma.

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO NO CINEMA

O cinema observa e vigia a atuação dos jornalistas e os rumos que segue a prática jornalística, pronta para glorificar os acertos, dramatizar os dilemas e acusar os abusos e erros.

Ricardo Stabolito Junior

Cinema e jornalismo costumam parecer, à primeira vista, unidades distintas de comunicação. O primeiro trabalha com a realização imagética do “inventado”, do “não-real”, do sonho e da fantasia; o segundo, por sua vez, trabalha com o cotidiano, com o cru e com acontecimentos palpáveis.

Não obstante, jornalismo e cinema concordam em um ponto e, por assemelhar-se demasiado, se confundem. Esse ponto, necessariamente, está ligado à reprodução de uma realidade a fim de levar à reflexão da mesma através de uma visão crítica dos fatos. Obviamente o cinema dito de ficção não oferece recursos suficientes para um empirismo seguro sobre questões que envolvem fatos da sociedade. Porém, o cinema dos filmes baseados em fatos reais suscita uma discussão a cerca de fatos: a) exaustivamente cobertos pela mídia; ou b) não relatados, mas que merecem destaque. Em suma, jornalismo e cinema se aproximam quando trabalham a construção social da realidade. Segundo Patrícia Novato Meireles e Maurício de Medeiros Caleiro:

A naturalização das atividades jornalísticas evidenciadas em um mesmo plano de projeção da imagem, assim como a restrição a determinados mecanismos funcionais de propagação da realidade ficcional, retrata de forma emblemática a interseção constituída entre a exposição do profissional de imprensa e o cenário da indústria cinematográfica (MEIRELES; CALEIRO, 2002, p. 3).

As narrativas, embora que em aspectos diferentes, também surgem como elemento congruente entre a produção cinematográfica e a jornalística. Esse diálogo entre jornalismo e sétima arte acontece de forma distinta, mas com um mesmo objetivo, como argumenta Stela Senra:

Embora tenham pretensões diferentes em seus produtos finais (informar, conscientizar, divertir, manifestar-se artisticamente), as narrativas de jornalistas e cineastas funcionam “a serviço de uma ‘transparência’ de registro que assegurou, para o jornal, a afirmação de sua objetividade e para o cinema, a insistência na verossimilhança das suas imagens (...) (1997, p. 37).

Além disso, produções como documentários e as próprias reportagens televisivas caracterizam um intercâmbio entre as duas vertentes; grosso modo, o cinema sempre “flertou” com o jornalismo. Prova desse flerte são os chamados *newspaper movies*, ou “filmes de jornalistas”, películas que “desvelam para o público o imbricado universo da notícia e seus agentes, apresentando os conflitos éticos e morais da profissão” (FERREIRA, 2006, p.139).

Ainda sobre as narrativas de cinema e jornalismo, Ricardo Stabolito Junior, no blog *Jornalismo no Cinema*, conclui que:

Cria-se um paralelo curioso entre jornalismo e cinema: as narrativas dos filmes de jornalista surgem, com frequência, ao abordar o processo que leva o jornalista a escrever as suas narrativas jornalísticas (ou seja, da apuração e investigação dos fatos). O término das películas, não raramente, traz a publicação de uma matéria ou a revelação da verdade por trás dos acontecimentos.¹⁴

O estilo americano de fazer filmes foi o mesmo que inspirou o modelo jornalístico usado por centenas de profissionais e empresas da área ao redor do mundo. A esse estilo convém refletir sobre a visão romantizada e estigmatizada do mundo do jornalismo que, diga-se de passagem, é disseminada indiscriminadamente para o público. Sobre a supremacia americana na transposição de temas sobre jornalismo no cinema, Meireles e Caleiro (2012, p. 6) dizem que:

A hegemonia americana no campo da indústria cultural assumiu o exercício do poder de informação e adequou o jornalista ao cinema tradicional. A narrativa jornalística, fortemente influenciada pelo cinema clássico americano, consagrou o jornalista como personagem e garantiu a predominância do modelo americano de imprensa nas produções cinematográficas.

¹⁴ Disponível em: < <http://jornalismoocinema.wordpress.com/jornalismo-no-cinema/>> .

Nesse contexto, um aspecto importante a ser levado em consideração é a representação do jornalista nos produtos cinematográficos. Para Meireles e Caleiro (2012, p. 4), um ponto de vista histórico é responsável pelas práticas hollywoodianas que culmina numa visão estereotipada dos profissionais de jornalismo na tela grande. De acordo com os autores “a figura dramática do profissional de imprensa preserva uma dualidade parcialmente fragmentada com a consolidação do jornalista como herói em aspectos que fortalecem a integridade da profissão e, paralelamente, introduz uma imagem pouco valorizada e volúvel do profissional em atividade”.

Indubitavelmente, a presença da *persona* do jornalista em filmes é sempre heróica, destemida e, na maioria dos casos, personagens com traços de caráter irrepreensíveis, não obstante desvios de conduta ética e profissional observadas no decorrer da trama. Para Nogueira (2009, p. 2), são os filmes clássicos que disseminam essa visão distorcida da imprensa no cinema do século XX. Segundo o autor:

São os filmes clássicos que constroem uma imagem superficial do campo e da profissão. Isto porque, elegem um modelo de narrativa que não suporta personagens densos, comunicação também pela forma (não privilegiando somente o tema) e se contenta com o aplauso rápido e domesticado do grande público.

Os filmes clássicos a que Nogueira (2009) se refere, representam essa idéia de forma coerente e objetiva. São exemplos: “Cidadão Kane” (*Citizen Kane*, 1941), obra dirigida por Orson Welles que conta a história da ascensão de um menino pobre a magnata de um império das comunicações; “A Montanha dos Sete Abutres” (*Ace in the Hole*, 1941), trama sobre repórter veterano que transforma o resgate de um homem, preso em uma mina, num espetáculo nacional; e “Todos os Homens do Presidente” (*All the president's men*, 1976), sobre a investigação jornalística que deu origem ao escândalo *Watergate* e culminou com a queda do presidente então Nixon.

Os três exemplos aqui citados caracterizam filmes com temática que tende a padronizar o jornalista de acordo com características pré-definidas. O jornalista é apresentado ao público como o homem carismático, que consegue através de técnicas próprias de trabalho e, principalmente, de perspicácia, atrair a atenção da opinião pública para onde deseja.

Outro bom exemplo é o emblemático personagem de histórias em quadrinho – que se tornou também herói cinematográfico – o Superman. Um dos filmes que mais expõe a figura do jornalista de forma heróica encontra no disfarce atribuído ao alter ego de Clark Kent seu mais primoroso modelo.

Em contrapartida, existe a má reputação de profissionais da imprensa na sociedade americana. Resumidamente, quando se vê um jornalista em uma produção cinematográfica, há apenas dois tipos de personagem que ele pode encarnar: 1) o herói principal, comprometido com a verdade dos fatos; ou 2) uma espécie de braço direito do mal, com pouca ou nenhuma expressão na trama, num geral.

Sobre essa questão e segundo artigo do *Observatório da Imprensa* (2005) de Luiz Antônio Magalhães, traduzindo texto original de David Carr (*The New York Times*):

Quando Hollywood está desesperada atrás de um herói, às vezes recorre à mídia. O Dossiê Pelicano, Os Três Dias do Condor e O Informante mostram todos os jornalistas como salvadores em última instância. Com mais frequência, porém, eles são os braços direitos do mal: Danny DeVito como um profissional repugnante chantageando a torto e a direito em Los Angeles - Cidade Proibida, Sally Field, uma escriba inescrupulosa que arrasa a reputação de um personagem interpretado por Paul Newman em Ausência de Malícia, ou os carreiristas obtusos de Nos Bastidores da Notícia e Um Sonho sem Limites. Dustin Hoffman, fazendo um repórter ambicioso em O Quarto Poder colocou a questão de forma bem sucinta: ‘Não quero cruzar a linha, só quero deslocá-la um pouco.’ Quando Hollywood tem um papel que requer oportunismo bajulador, sabe que pode introduzir um sujeito de fala rápida com um bloco de notas e manchas de sopa na gravata.

Isso nos leva a perceber que existe, de fato, uma espécie de espetacularização da figura do profissional de jornalismo nas produções de Hollywood e, na maioria dos casos, uma deformação da realidade, levando o público a encará-lo como um personagem caricato. Essa caricatura que a sociedade consome dos jornalistas através do cinema advém de uma visão negativa que a sociedade americana tem dos mesmos.

O jornalismo investigativo se insere, portanto, num contexto onde o cinema reproduz uma visão espetacularizada da profissão. Ora, atualmente o jornalismo em si vive uma era de espetacularização da notícia, na qual, a audiência prevalece sobre a qualidade do material nas mãos do jornalista. Assim como no jornalismo usado de forma espetacular, o cinema trabalha com a mesma mão de obra. Sendo assim, ambos partilham o mesmo processo de molde do público.

Outro ponto fundamental na inserção do jornalismo investigativo no tocante ao cinema são as questões que permeiam o universo da imprensa e que, por sua vez, chamam atenção na construção do roteiro cinematográfico. Os princípios éticos, as rotinas de trabalho, os métodos de apuração, além de todo o imaginário que circunda o universo da investigação jornalística criam uma aura de interesse dos roteiristas de filmes na produção de películas.

Hollywood produziu trabalhos memoráveis sobre as mais diversas temáticas, tendo o jornalismo investigativo como pano de fundo de suas tramas bem elaboradas. Os melhores resultados, sem dúvidas estão em filmes baseados em fatos reais, cujos casos na vida real geraram grande repercussão e acalorado debate na sociedade.

“Capote” (2005), cine biografia do escritor e jornalista Truman Capote ilustra bem esse caso. O filme conta especificamente a parte da vida do jornalista em que o mesmo, após ler notícia do assassinato de uma família inteira numa pequena cidade do Kansas, resolve ir até o lugar e começar uma coleta de dados sobre o crime, que culminou em uma série de “romance de não-ficção”¹⁵ para a revista *The New Yorker*. Mais tarde, todos os textos foram transformados em livro, que rapidamente se tornou um best-seller e ícone do chamado *New Journalism*.

Outra amostra relevante de jornalismo investigativo retratado no cinema é a produção “Boa Noite e Boa Sorte” (*Good Night and Good Luck*, 2005). A trama – assim como *Capote*, uma cinebiografia – revela os bastidores do pioneirismo da equipe do jornalista americano Edward Murrow, no caso histórico do senador Joseph McCarthy. O senador empreendeu no final dos anos 1950 uma verdadeira caça às bruxas contra o comunismo nos

¹⁵O romance de não-ficção utiliza fatos reais para construir seu enredo, que é sistematicamente complementando por novas narrativas criadas pelo autor.

Estados Unidos, o que acarretou vários casos de abuso do governo americano contra seus cidadãos. A investigação dos repórteres e os dilemas profissionais enfrentados pelo próprio Murrow caracterizam uma das obras mais completas do cinema no que diz respeito não só ao jornalismo de investigação, mas também à história do Jornalismo.

O jornalista investigativo sob o olhar do cinema é particularmente ligado à figura do herói tipicamente Hollywoodiano. Na grande maioria das vezes, os personagens são interpretados por nomes consagrados e de filmes de sucesso, o que reforça o estereótipo criado em torno do personagem do jornalista. Nos dois filmes escolhidos como objeto de estudo para a análise deste trabalho, por exemplo, os protagonistas das tramas são os respeitados e premiados atores Al Pacino (*O Poderoso Chefão*) e Cate Blanchet (*O Senhor dos Anéis*).

O que, em suma, podemos concluir a cerca da relação entre jornalismo investigativo e o cinema é que as narrativas, o discurso e a construção do jornalista como personagem de ficção costumam seguir um raciocínio lógico de mercado e, principalmente, de uma historicidade que acompanha a sociedade norte-americana e o mito do fazer cinematográfico. A magia do cinema alimenta a perspectiva de que o jornalista (e mais precisamente, o jornalista que trabalha com a especialidade investigativa) não passa de um mero personagem. Muitas vezes, é claro, munido de grande importância para o contexto abordado, mas sempre como um profissional moldado, de índole pré-determinada e padronizado.

Na não-ficção, entretanto as películas baseadas em fatos reais aparecem como oportunidade para que o cinema se redima dos estereótipos criados em cima do jornalista. Muito embora seja quase impossível encontrar um filme completamente fidedigno ao caso em que foi inspirado, as nuances reais do que é reproduzido na tela grande passa ajuda a fazer com que o público compreenda melhor o meio em que vive.

2.1 METODOLOGIA

Para a elaboração dessa pesquisa houve a necessidade de fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o tema propostos. Isso se justifica pela premissa de que deve haver uma série de procedimentos que garantam o sucesso da pesquisa e se adéqüe ao trabalho proposto.

De início, é preciso salientar que o presente projeto se enquadra na classificação de análise de conteúdo por ocupar-se basicamente com a análise de mensagens (DUARTE; BARROS, 2005, p. 286), somada ao cumprimento dos requisitos de confiabilidade e sistematicidade.

Para Lozano (1994 apud DUARTE; BARROS, 2005, p. 286):

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões.

O objetivo geral que norteou o presente trabalho foi, a partir da análise de filmes, identificar aspectos do jornalismo investigativo na trama dessas produções. O intuito foi caracterizar como se dá a construção da visão de tal especialidade do jornalismo pelo cinema. Sendo assim, o processo se deu a partir da análise, descrição e compreensão de aspectos do jornalismo de investigação encontrados em determinadas cenas.

Decidimos eleger produções cinematográficas para trabalhar por sua excepcional função didática e pela riqueza advinda das possíveis interpretações de seu roteiro. Isso se justifica, segundo Araújo (2004, p. 238), porque:

O filme serve para oxigenar uma prática voltada para a construção de saberes. No campo educacional, ele fornece elementos que subsidiam a interpretação da realidade, permitindo detectar de que modo cada ator social participou dos acontecimentos, procurando fazer uma leitura de suas dimensões pessoal e subjetiva, consideradas importantes para o evento histórico pesquisado.

Foram escolhidos como objetos de estudo dois filmes para a análise que se pretendia: O Informante (*The Insider*, 1999) e O Custo da Coragem (*Veronica Guerin*, 2003). A partir da escolha dos filmes, apresentamos o problema investigado nesta pesquisa, a saber, quais aspectos do jornalismo de investigação estão presentes nas produções cinematográficas.

Também procuramos identificar como a figura do jornalista é retratada nas tramas, a fim de caracterizar a visão do cinema para o jornalismo e como ele passa isso para seu público.

A escolha dos dois filmes obedeceu ao critério de que, além de serem filmes que tem o jornalismo investigativo inserido fundamentalmente em seus roteiros, são produções classificadas como produtos baseados em fatos reais. Esse último critério se justifica sob duas afirmações: 1) películas deste tipo representam fatos que realmente aconteceram e, sendo assim, estaríamos perto de resultados mais concretos para a pesquisa; 2) a interpretação do cinema para algo que já foi previamente interpretado por imprensa e público garante certa credibilidade e originalidade ao trabalho por desconsiderar artifícios fantasiosos, típicos de roteiros de ficção¹⁶.

De acordo com Araújo (2004, p. 238), portanto:

Através do diálogo existente entre os personagens, o filme, na condição de expressão artística, abre janelas para o conhecimento de uma determinada sociedade, tornando possível, a partir desse conhecimento, tecer-se uma interpretação cultural da mesma, captando suas nuances cotidianas [...].

O processo de análise seguiu quatro etapas bem definidas. O primeiro passo foi a observação dos filmes, assistindo-os quantas vezes necessário para uma melhor captação de cenas, diálogos e impressões afins sobre as tramas; além disso, os filmes foram observados preferencialmente legendados, na tentativa de preservar ao máximo o texto original em inglês. Logo após, foi feita uma coleta de diálogos e sequências – cenas específicas – nos quais se identificou os aspectos do jornalismo de investigação.

Em seguida, essas cenas foram extraídas e estão dispostas nos anexos deste trabalho, com explanações contextualizadas com as respectivas histórias em que foram baseadas. Por fim, a quarta etapa consiste na identificação de elementos do jornalismo de investigação, dialogando com autores já citados ao longo do referencial teórico.

¹⁶O termo “artifícios de roteiros de ficção” foi alocado no texto a fim de diferenciar o sentido proposto para a interpretação da metodologia adotada na análise dos filmes escolhidos. Os roteiros baseados em fatos reais também atribuem pitadas de ficção às tramas, mas não caracterizam grandes mudanças nos elementos principais reproduzidos nelas.

O primeiro filme analisado, “O Informante”, se baseia na história de um executivo da indústria do tabaco que concede entrevista bombástica ao famoso programa jornalístico “60 minutes”. A declaração do ex-funcionário da Brown & Williamson dizia que os alto executivos da empresa em que trabalhou não apenas sabiam da capacidade viciadora da nicotina como também aplicavam outros aditivos químicos ao cigarro, para acentuar esta característica. Baseando-se nesta história real, O Informante narra a trajetória do ex-vice-presidente da Brown & Williamson, Jeffrey Wigand (Russell Crowe) e do produtor Lowell Bergman (Al Pacino), que o convenceu a falar em público (Adoro Cinema, 2000).

O filme analisado a seguir é “O Custo da Coragem”. Veronica Guerin (Cate Blanchet) é uma repórter investigativa que publica uma matéria sobre os traficantes de drogas e chefes do crime mais poderosos de Dublin, cidade onde vive. A matéria traz grande repercussão e reconhecimento ao trabalho de Veronica, mas também faz com que ela e sua família passem a sofrer constantes ameaças (ADORO CINEMA, 2003).

A técnica usada foi a de análise enunciativa e a inferência, portanto, foi o ponto chave em sua realização. Além disso, se trata de uma análise qualitativa, que fundamenta a investigação em dois sentidos: permite ajustar as expectativas que os investigadores têm sobre determinado problema social à sua realidade, o que vulgarmente se designa por corte com o senso comum, e apreender mais de perto determinadas realidades sociais que outras técnicas de investigação não permitem, como as que derivam da análise quantitativa; por outro lado, após se identificarem por comparação comportamentos distintos entre grupos sociais, e essa comparação ocorre por quantificação, permite conhecer em maior profundidade esses comportamentos e as diferenças manifestas no interior de cada um dos grupos identificados (INFOPÉDIA, 2003-2014).

Segundo Gaskell e Bauer (2003 apud WEISE, 2013, p. 76), a metodologia da análise de conteúdo possui um discurso elaborado sobre qualidade sendo suas preocupações-chaves a fidedignidade e a vaidade, provindas da psicometria.

Para tanto, os critérios utilizados seguiram as indicações de tabela proposta por Hunter (2013, p. 9), que traça os parâmetros que distinguem o jornalismo convencional do jornalismo investigativo. Segue a tabela:

Jornalismo Convencional	Jornalismo Investigativo
Pesquisa	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (diário, semanal, mensal).	As Informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações da fonte.

Relações de Fontes

A boa fé das fontes é presumida, frequentemente sem verificação.	A boa fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação.
As fontes oficiais fornecem informações ao (à) repórter livremente, para promoverem a si e as suas metas.	As informações oficiais são ocultadas do (a) repórter, porque a sua revelação pode comprometer os interesses de autoridades ou instituições.
O (a) repórter deve aceitar a versão oficial da história, ainda que ele ou ela possa contestá-la com comentários ou afirmações de outras fontes.	O (a) repórter pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial de uma história, com base nas informações de fontes independentes.
O (a) repórter dispõe de menos informações do que a maioria das suas fontes.	O (a) repórter dispõe de mais informações do que qualquer uma das suas fontes, considerada individualmente, e de mais informações do que a maioria delas em conjunto.

As fontes são quase sempre identificadas.	As fontes frequentemente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança.
---	---

Resultados

A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O (a) repórter não espera obter resultados além, de informar o público.	O (a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor.
A reportagem não requer um engajamento pessoal por parte do (a) repórter.	Sem um engajamento pessoal do (a) repórter, a história nunca será completada.
O (a) repórter busca ser objetivo (a), sem viés ou juízo de valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas em uma história.	O (a) repórter busca ser justo e escrupuloso em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O (a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredicto sobre a história.
A estrutura dramática da reportagem não é de grande importância. A história não precisa ter um final, pois as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo (a) repórter ou por uma fonte.
Erros podem ser cometidos pelo (a) repórter, mas eles são inevitáveis e, normalmente, não tem muita importância.	Os erros expõem o (a) repórter a sanções formais e informais e podem destruir a credibilidade do (a) repórter e do(s) meio(s) de comunicação.

2.2 DA VIDA REAL PARA A TELA GRANDE

Como disposto anteriormente, os filmes analisados seguiram orientação de tabela reproduzida no livro *A Investigação A Partir de Histórias: Uma Manual Para Jornalistas Investigativos*, com categorias elegidas para uma melhor aplicação da metodologia.

2.2.1 O INFORMANTE

Adaptado a partir do artigo *The Man Who Knew Too Much*, da jornalista americana Marie Brenner, O Informante é um drama dirigido por Michael Mann que tem no elenco os atores Al Pacino, Russell Crowe e Christopher Plummer nos papéis principais de, respectivamente, Lowell Bergman, Jeffrey Wigand e Mike Wallace.

No filme, Lowell Bergman, produtor do programa “60 Minutes”¹⁷, da rede de TV americana CBS, tenta convencer o ex-vice-presidente da companhia de tabaco Brown and Williamson a falar publicamente sobre denúncias envolvendo o conselho de produtores de cigarros dos Estados Unidos. A entrevista para o programa continha um depoimento bombástico de Wigand, que afirmava que os executivos da empresa para a qual trabalhava não apenas sabiam da capacidade viciadora da nicotina como também aplicavam aditivos químicos ao cigarro. A película foi indicada a prêmios importantes da indústria do cinema, como BAFTA, Globo de Ouro e, a premiação máxima, o Oscar no ano 2000.

Na primeira sequência do filme observamos uma situação curiosa, na qual Lowell Bergman é levado vendado por homens fortemente armados a um lugar misterioso. O produtor é levado à presença do Xeique Fadlallah, líder da organização terrorista Hezbollah. Bergman consegue convencer o Xeique a conceder entrevista aos “60 Minutes” argumentando sobre a reputação de integridade e objetividade do programa, sobre sua grande audiência e sobre ser um dos noticiários mais respeitados da televisão americana. Lowell diz que é a oportunidade do Hezbollah definir sua personalidade para o mundo e assim, o convite é aceito.

Percebemos, então, a grande capacidade da alcunha de “quarto poder”, atribuída ao jornalismo, quando Lowell Bergman usa dos artifícios que o ofício de informar possui como trunfos: garantir o direito de resposta. Ora, não obstante ser vista como vilã no mundo ocidental, a organização terrorista Hezbollah tentava na época fundar um partido político no Líbano.

¹⁷O “60 Minutes” está no ar na rede de TV CBS desde 1968. Definiu um estilo de *repórter-centrado* e é ganhador de inúmeros prêmios em sua categoria.

2.2.1.1 ANÁLISE

Em um dia comum, chega até a casa do produtor Lowell Bergman uma caixa com remetente anônimo, contendo material científico que Bergman não conseguiu decifrar. Lowell liga as iniciais “P. M.” a Philip Morris, famosa empresa de tabaco.

Rapidamente o produtor começa o processo de investigação, suscitado por um fardo rotineiro de mexer com matérias investigativas. Bergman, então, liga para um conhecido chamado Doug Oliver e lhe diz que está fazendo uma matéria sobre incêndios e segurança, queimaduras e etc., causados por pessoas que dormem fumando. Quando pede ajuda especializada para traduzir os papéis, recebe o número de Jeffrey Wigand.

Em relação à pesquisa, observamos uma denúncia anônima, através da entrega de material sigiloso sobre uma companhia de cigarros, culminando na rápida movimentação do jornalista para ir a fundo no caso e descobrir do que se tratava tudo aquilo. Como dito por Pena (2005, p. 201), o jornalismo investigativo preza pela fonte primária.

Fortes (2005) diz categoricamente que jornalismo não é uma profissão destinada a preguiçosos. Logo, a pesquisa é parte intrínseca no trato da investigação de cunho jornalístico, pois o profissional que assume determinado caso deve estar a par de toda e qualquer informação que lhe for disponibilizada.

No decorrer do filme, muitas cenas que remetem à pesquisa no jornalismo investigativo aparecem explicitamente, principalmente pela complexidade do caso em questão. Em uma delas, Lowell Bergman reúne a equipe de 60 Minutes para conversar sobre informações que Wigand estaria supostamente escondendo. A equipe previne-o, então, de que Jeffrey tem um acordo de confidencialidade. O produtor insiste que Wigand tem informações privilegiadas e o apresentador Mike Wallace coloca a questão do interesse público em pauta, pela possibilidade de ser um caso de saúde pública. Um dos repórteres da equipe fala sobre as questões legais do caso e do fato de grandes corporações nunca perderem processos judiciais desse tipo.

O diálogo entre os membros da equipe que investiga o caso constitui parte importante da pesquisa jornalística por se tratar da reunião de informações sobre os

procedimentos que serão tomados a seguir na continuação do que se está investigando. É de suma importância que os jornalistas não sejam levianos no trato das informações e possibilidades que possam surgir no decorrer do processo de apuração das informações.

Hunter (2013, p. 9) esquematiza a pesquisa no jornalismo investigativo de forma que ela serve para se verificar a hipótese criada para verificação. Portanto, a história se baseia no máximo possível de informações e continua até que ela esteja seguramente confirmada, podendo continuar até sua publicação. A informação buscada, na maioria das vezes, vai trazer naturalmente a fonte humana, ou “a quem perguntar” sobre o caso trabalhado. E aí sim começa a verdadeira face da investigação: a apuração, que é definida em boa parte pela relação que se estabelece com as fontes.

A mesma premissa de pesquisa que é determinante na investigação sobre o caso de denúncia de Jeffrey Wigand contra a empresa Brown and Williamson é a mesma que faz Lowell Bergman descobrir os motivos pelos quais a rede de TV CBS se recusa a exibir o programa com a entrevista de Wigand na íntegra, denunciando executivos do alto escalão da indústria do tabaco nos Estados Unidos. Os interesses escusos em questão se baseiam na venda da emissora. Um possível processo movido pela Brown and Williamson por interferência ilícita atrapalharia uma futura venda da empresa. Na ocasião, o personagem de Al Pacino questiona a liberdade de imprensa concedida pela CBS quando diz: “Desde quando o modelo de jornalismo investigativo permite que os advogados determinem o conteúdo de 60 Minutes?”.

Sobre a relação das fontes, primeiramente é necessário explicitar que os resultados de nossa pesquisa demonstraram que o texto de “O Informante” gira, em grande parte, em torno da relação do personagem Lowell Bergman com a fonte, Jeffrey Wigand. Essa relação, muitas vezes conflituosa, foi determinante no desenrolar da investigação e, por conseguinte, na resolução do caso.

Como observado por autores como Schmitz (2011), as fontes não sentem interesse em pautar ou ser pautadas. No caso de Wigand, notadamente houve uma questão ética pessoal envolvendo a denúncia de sua ex-empregadora. O personagem de Russel Crowe não foi movido por um desejo de virar notícia ou de ajudar na busca da verdade jornalística perseguida por Bergman e equipe, mas sim por questões pessoais ligadas ao fato de se considerar um homem da ciência e, portanto, impedido de esconder questões que envolvem a saúde pública.

As cenas dos primeiros encontros de Bergman e Wigand demonstram essa relação entre jornalista e fonte na construção da história que dará origem à matéria que se pretende realizar.

Os primeiros encontros entre Lowell Bergman e Jeffrey Wigand foram permeados de desconfiança. Wigand sempre reticente, era categórico em se negar a falar, usando como alibi o acordo de confidencialidade a que se submetera. Bergman, por sua vez, soube conduzir a relação e o diálogo entre ambos, de modo a deixar Jeffrey à vontade, até que naturalmente se sentisse seguro para falar das informações que protegia, o que culminou na entrevista bombástica concedida ao "60 Minutes" e ao depoimento num caso de processo no estado do Mississippi, contra as empresas de tabaco.

A questão da confiança entre jornalista e sua fonte também é abordada. Quando Wigand é chamado na Brown and Williamson para assinar um adendo no acordo de confidencialidade – e sendo sistematicamente ameaçado caso se recusasse a assiná-lo – o ex-vice-presidente da empresa de cigarros liga transtornado para o personagem de Al Pacino, que em seguida, vai até sua casa e lhe fala sobre como se dá a relação entre jornalista e fontes, objetando que um profissional sério não revela em hipótese alguma quem são as suas.

Na cena podemos ver que o trato da questão e do diálogo empreendido pelo produtor de "60 Minutes" acabam por levar Wigand a revelar, num plano geral, os altos da denúncia que tem para fazer contra o alto escalão da indústria de cigarros.

Em mais de uma cena observamos também que o personagem do produtor adverte o de Wigand que necessita saber toda e qualquer informação a respeito de sua vida, pois atenta para o fato de que quando a denúncia for ao ar e o escândalo se firmar, a mídia especializada cairá em cima da figura de Jeffrey com o intuito de denegrir sua imagem, o que posteriormente acontece.

Na teoria, encontramos no argumento de Schmitz (2001, p. 12) complemento para a análise feita anteriormente quando o autor diz que "os promotores de notícias", como o mesmo define, "passaram a interferir de forma decisiva no processo jornalístico, sendo também produtores ostensivos de conteúdos com qualidade de notícias, garantindo seu espaço nos processos jornalísticos".

Uma outra cena pertinente sobre a relação das fontes é quando a edição alternativa do programa (sem a entrevista de Jeffrey Wigand) vai ao ar. Durante as sequências que se seguem, vemos como se torna intrínseca a relação entre o jornalista e a fonte. Não obstante o caso parece perdido e a vida pessoal de Wigand cada vez mais afundada e sua imagem sendo gradativamente manchada perante a sociedade, Bergman insiste em não deixar sua fonte, usando de todos os artifícios possíveis para tentar reverter à situação e levar a público a real história sobre a denúncia envolvendo a indústria de tabaco americana.

No tocante aos resultados esperados em decorrência da investigação jornalística, Hunter (2013, p. 9) argumenta que “sem um engajamento pessoal do (a) repórter, a história nunca será completada”.

Nas cenas coletadas, os resultados alcançados com a investigação empreendida pela equipe do "60 Minutes" são evidentes quanto a um empenho extraordinário do personagem central da trama, o produtor Lowell Bergman, na apuração e condução do caso investigado.

A sequência mais relevante em questão é a de Bergman entrando em contato com o jornal The New York Times para não só oferecer a história que a CBS optou por censurar, como também o próprio caso da emissora em não levar ao ar a matéria por motivos mercadológicos.

Aí, observamos o jornalista se oferecendo como fonte, uma vez que não pode continuar no caso como profissional, na tentativa de levar o escândalo a público. A ousadia de Lowell faz com que, num primeiro momento, o apresentador Mike Wallace seja contra sua postura, inclusive, em cena marcante na qual cita a reportagem do periódico que os acusa de trair o legado de Edward R. Murrow.

Como dito por Pena (2005, p. 204), “o jornalismo investigativo é uma das formas mais eficazes que a imprensa tem para se aproximar da cidadania”. Sendo assim, a análise final de dos aspectos condizentes com os resultados da investigação jornalística revelou que quando se chega ao fim de um caso como o da denúncia de Jeffrey Wigand contra a Brown and Williamson, nem o jornalista, nem as fontes e nem muito menos a emissora responsável pelo programa em que foi exibido caso ganham; a parte detentora do benefício acarretado pelo conhecimento de tal caso é – e deve sempre – ser o cidadão.

2.2.2 O CUSTO DA CORAGEM

O drama de 2003, baseado na história da jornalista irlandês Veronica Guerin, foi dirigido por Joel Schumacher e fala sobre uma repórter investigativa que publica reportagem sobre os traficantes de drogas e criminosos poderosos da cidade de Dublin. A reportagem em questão gera grande repercussão, porém com o reconhecimento do trabalho de Veronica, ela e a família passam a sofrer ameaças. O ano era 1994 e a capital da Irlanda vivia uma crise de criminalidade ocasionada, principalmente, pelo tráfico de drogas.

A atriz Cate Blanchett dá vida à personagem de Veronica, que por sua vez, já teve a história contada em “Alto Risco”, filme do ano 2000. Blanchett recebeu indicação ao Globo de Ouro 2004 por sua atuação na película. O orçamento total da produção foi fechado em cerca de 17 milhões de dólares.

2.2.2.1 ANÁLISE:

A primeira cena a ser levada em consideração é a chegada de verônica em um local usado por viciados em heroína para se injetar indiscriminadamente. Lá, ela constata um ambiente de caos causado pelo consumo e venda de drogas no país, que afeta adultos e crianças.

A pesquisa de investigação feita, neste caso, de forma direta. Veronica ousou ir ao foco do problema e observar de perto aquela realidade, coletando dados com as próprias vítimas da problemática. Num âmbito dramático, este fato a impulsionou a investigar e escrever sobre o tráfico na Irlanda.

Outra cena pertinente é a que a personagem de Cate Blanchett conversa com o morador de um bairro afetado pela criminalidade – que também faz parte de uma organização que protesta pelo fim do tráfico – e acompanha a rotina dos jovens que usam drogas na região. Ele diz que com a ajuda da jornalista espera atrair mais pessoas à causa pela qual luta.

Mais uma vez notamos o caráter ousado e direto de Veronica Guerin, quando a mesma vai até o foco do investiga para vivenciar situações que acabam servindo de pesquisa para a construção da matéria que pretende. Comumente vemos esta prática jornalística

empreendida por profissionais como Caco Barcelos, apresentador do programa Profissão Repórter (Rede Globo), um jornalístico que leva ao público reportagens investigativas nas quais o repórter vai direto ao problema pesquisado.

A sequência em que Guerin vai até a polícia e consegue convencer o policial responsável pelas investigações do caso a ceder-lhe documentação a cerca dos traficantes supostamente envolvidos com a criminalidade na área é outro exemplo. Nas cenas, Veronica usa da simpatia e de amizade com o policial, além da influência que sua profissão lhe confere, para vasculhar os arquivos da instituição em busca de informações que lhe ajudem a identificar traficantes.

Não raro a polícia serve como fonte de pesquisa para jornalistas que investigam casos. Segundo Pena (2005, p. 203) os profissionais da área não devem se esquecer que “o jornalismo investigativo não trata apenas de casos policiais”. Deve haver, primordialmente, uma distinção entre o que é trabalho jornalístico e o que é trabalho da polícia.

Uma última cena analisada é a que a jornalista usa um gravador escondido para gravar a conversa com o criminoso John Traynor. Na cena, Guerin marca um encontro com Traynor e o faz confessar seus crimes. No fim, revela ao criminoso que a polícia estava o tempo todo perto dali, ouvindo o diálogo entre ambos e tirando fotos que servirão de provas no processo que levaria, mais tarde, a maior parte dos traficantes envolvidos com o assassinato da jornalista à cadeia.

Métodos como o usado por Veronica para obter respostas e confissões para o caso que investigava são condenados por alguns estudiosos e profissionais de jornalismo. Pena (2005), não acredita na ideia de “investigar uma ilegalidade através de outra ilegalidade”. O alibi para a jornalista, nessa cena, foi ter feito a gravação com consentimento da polícia. Para muitos jornalistas, na realidade, o uso de equipamentos de gravação ocorre de forma leviana e, geralmente, sem apoio ou conhecimento do judicial.

No que diz respeito á relação das fontes, a primeira cena analisada foi a que Veronica Guerin vai até o criminoso conhecido por John Traynor, perguntar-lhe sobre o traficante Martin Cahill (que aparece no começo do filme, assassinando um homem à facadas).

Logo de cara já ficamos sabendo que Traynor é uma fonte de Veronica e lhe fornece informações privilegiadas sobre criminosos, o que, por conseguinte, é o combustível que alimenta as matérias da jornalista no Sunday Independent.

Há que se observar, também, que as dicas passadas por Traynor à Guerin são falsas, com o intuito de ajudar a esconder o paradeiro do criminoso John Gilligan. Veronica, por sua vez, busca outras fontes – como a polícia – para confirmar suas suspeitas.

Hunter (2013, p. 9) diz que em jornalismo investigativo “a boa fé da fonte não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação”. Sendo assim, talvez o aspecto mais importante do jornalismo de investigação seja sem dúvidas a apuração.

Incansavelmente vemos cenas em que Veronica apura por si mesma vai literalmente à luta para apurar informações. O afincamento e dedicação da personagem, tanto no filme, como na vida real, a puseram em risco eminente.

Nas cenas que concluem o filme, pudemos observar dois aspectos distintos em relação ao caso denunciado por Veronica, a saber, o surto de criminalidade acarretado pelo crescimento e fortalecimento do tráfico de drogas em Dublin.

Na primeira cena observada, Guerin vai até a polícia prestar queixa de John Gilligan, que havia lhe espancado e ameaçado de morte junto de seu filho. O discurso da cena remete à violência contra jornalistas em pleno o exercício da profissão, o que fica claro quando a personagem diz que prestou a queixa com o intuito de que a sociedade fique ciente que jornalistas não podem ser intimidados.

Logo após, passamos para a cena em que a jornalista é assassinada pelos homens que havia denunciado. A sequência da morte de Veronica Guerin é acompanhada de uma narração contando o desenrolar dos fatos posteriores: todos os envolvidos no assassinato da jornalista foram presos.

Percebemos, portanto, que a morte de Guerin trouxe profundas mudanças para a sociedade irlandesa. Não só os criminosos foram presos, como as leis sofreram mudanças, bem como o índice de criminalidade caiu.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de se trabalhar o temática do jornalismo investigativo inserido em obras do cinema não nasceu por acaso. O estudo do tema surgiu de uma necessidade de somar material científico a outras abordagens já existentes, a fim de diversificar o material sobre o assunto. Analisar as produções escolhidas caracterizou grande desafio e a recompensa foi exatamente o resultado desta pesquisa. Para tanto, salientamos que a metodologia proposta foi de fundamental importância.

Conseguimos identificar aspectos relacionados ao jornalismo de investigação na maioria das cenas coletadas e analisadas nas películas que escolhemos e, a partir da análise, conseguimos tirar conclusões definitivas sobre a construção cinematográfica da figura do jornalista, bem como o foco das narrativas e outras considerações a cerca da proximidade entre o cinema e o jornalismo.

Primeiramente, observamos que os personagens-jornalistas são retratados nos filmes de forma heróica. A visão romântica e antiquada do personagem principal como defensor da verdade e da justiça aparece de forma exagerada, mascarando os contornos reais das histórias que, diga-se de passagem, são inspiradas justamente por fatos de natureza real.

Em segundo lugar, notamos que prevalece um instinto investigativo tempestuoso nesses personagens, que faz com que presumam corretamente as histórias em que se submetem a investigar. Não queremos dizer que na vida real não possa existir pessoas que na profissão exerçam o ofício com um tino instintivo; mas claramente – e sobre tudo em “O Custo da Coragem” – o roteiro exageradamente transformou jornalistas de carne e osso em heróis indomáveis, cuja ânsia pela verdade e a retidão ultrapassaram os limites do mercado e o interesse empresarial de forma romântica, quase literária.

Outra consideração relevante sobre esta pesquisa é o modo como as fontes são tratadas nas produções. Percebemos que nos filmes, as fontes dos jornalistas vivem, em ambos os produtos analisados, dramas pessoais que humanizam o fato retratado em tela grande. Outro ponto observado foi à ligação e a relação de tais fontes com os profissionais a que se submeteram: em “O Informante”, Jeffrey Wigand mantinha uma relação com o produtor Lowell Bergman que beirava a amizade; Em “O Custo da Coragem”, o expectador é

levado a crer que possivelmente John Traynor nutria alguma espécie de sentimento pela jornalista que o usava como fonte. Em suma, os dramas de ordem psicológica vividos pelas fontes, caracterizaram nos filmes uma espécie de “segundo núcleo” da história principal, um nicho dramático que apareceu como suporte da primeira trama.

O percurso até o fim do presente trabalho foi árduo e tendo em consciência um possível aperfeiçoamento do tema para estudos posteriores (quicá com outros objetos de estudo, ou sob olhar diferente), concluimos a pesquisa com o sentimento de que acrescentamos bibliografia para a área dos estudos sobre jornalismo investigativo, bem como da análise de conteúdo de filmes e criamos um espaço propício para a realização de mais trabalhos de mesma natureza, que possam igualmente fortalecer o interesse pela prática do jornalismo genuinamente de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÁLISE QUALITATIVA. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$analise-qualitativa](http://www.infopedia.pt/$analise-qualitativa)>. Acesso em: 01/07/2014.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. Uma Leitura Intercultural de “O Último Samurai”. In: BRENNAND, Edna; GALVÃO, Maria Neuma. (Orgs). Múltiplos Saberes e Educação. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI). Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>>. Acesso em: 26/05/2014.

BARBOSA, Alexandre. A Solidão da América Latina no Jornalismo Brasileiro. *Revista PJ:BR*, São Paulo, n. 3, 1º semestre 2014. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios3_b.htm>. Acesso em: 25/05/2014.

_____. América Latina: Um Continente que não se vê no espelho do Jornalismo Brasileiro. Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=557>>. Acesso em: 25/05/2014.

BRENNER, Marie. The Man Who Knew Too Much. Disponível em: <http://www.vanityfair.com/magazine/archive/1996/05/wigand199605.print>>. Acesso em: 24/06/2014.

CARRO, María Jesús Casals. Reportajes de Investigación. In: _____. *Periodismo y Sentido de La Realidad: Teoría y Análisis de La Narrativa Periodística*. Madrid: Fragua, 2005. p. 493.

CORZO, Pedro. Jornalismo: Um Ofício Perigoso na América Latina. Disponível em: <http://www.midiaseemmascara.org/artigos/internacional/america-latina/14605-jornalismo-um-oficio-perigoso-na-america-latina.html>> Acesso em: 25/05/2014.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Do discurso frankfurtiano ao do newsmaking: a construção simbólica do jornalismo no cinema. In: GOULART, Jefferson O. (org.). *Mídia e democracia*. São Paulo: Annablume, 2006, pp.139-148.

FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção Comunicação).

HUNTER, Mark Lee. et al. *A Investigação a partir de Histórias: Uma Manual para Jornalistas Investigativos*. França: UNESCO, 2013.

JUNIOR, Ricardo Stabolito. *Jornalismo no Cinema*. Disponível em: <<http://jornalismoocinema.wordpress.com/jornalismo-no-cinema/>>. Acesso em: 26/06/2014

_____. *Afinidades Narrativas*. Disponível em: <<http://jornalismoocinema.wordpress.com/jornalismo-no-cinema/aproximacoes-e-afinidades/>>. Acesso em: 26/06/2014.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. et al. (Orgs). 2. ed. – 5ª reimpressão. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2011. p. 286.

MEIRELES, Patrícia Novato; CALEIRO, Mauricio de Medeiros. *O Jornalismo no Cinema e a Inserção do Jornalista Como Personagem no Âmbito Cinematográfico*. Revista Iniciacom, v. 4, n. 2, 2012.

NOGUEIRA, Lisandro. Cinema e Jornalismo: O Melodrama e a Tragédia Moderna. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. 2009, Ceará. Anais... Ceará: [s. n.], 2009.

ORTIZ, Fabíola. Crime Organizado é Responsável pela Violência Contra Jornalistas na América Latina, Diz ONU. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/web/index.php/clippingmenu/item/21525-crime-organizado-e-responsavel-pela-violencia-contrajornalistas-na-america-latina-diz-onu>> Acesso em: 25/05/2014.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. 2. Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

RODRIGUES, Rodrigo. Perigo na Pauta. Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/56/artigo263249-1.asp>>. Acesso em: 26/05/2014.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *Fontes de Notícias: Ações e Estratégias das Fontes no Jornalismo*. Florianópolis: Combook, 2011.

SENRA, Stela. *O Último Jornalista*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. *Jornalismo Investigativo: O Fato Por Trás da Notícia*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SILVÉRIO, Alessandra. Jornalismo: Uma Questão de Ética. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/aruanda/eticajornalistica.htm>>. Acesso em: 26/05/2014.

WEISE, Angélica. Metodologia e Análise - O Caminho para a Busca de Resultados. In: _____. *Jornalismo Literário: Uma Análise das Reportagens de José Hamilton Ribeiro Publicadas na Revista Realidade*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013. p. 69-77.

Sites:

FENAJ <<http://www.fenaj.org.br/index.php>>

ABRAJI <<http://www.abraji.org.br/>>

PÚBLICA <<http://apublica.org/>>

ADORO CINEMA <http://www.adorocinema.com/>

Artigos do Observatório da Imprensa (online):

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Cinco Desafios para o Jornalismo Investigativo. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed691_cinco_desafios_para_o_jornalismo_investigativo>. Acesso em: 13/06/2014.

COSTA, Luciano Martins. Reflexões Sobre o Boato Mortal. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/reflexoes_sobre_o_boato_mortal>. Acesso em: 19/06/2014.

DINIZ, Lilia. Caminhos para o Jornalismo Investigativo. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/caminhos_para_o_jornalismo_investigativo>. Acesso em: 20/06/2014.

FERREIRA, Argemiro. Judith Miller, Nem Vítima Nem Heroína. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/judith_miller_nem_vitima_nem_heroina>. Acesso em: 18/06/2014.

LEIGH, David. 'Brasil Tornou-se Pólo de Jornalismo Investigativo': depoimento. [29 de outubro de 2013]. Rio de Janeiro: *Observatório da Imprensa*. Entrevista concedida a Bem-HurDemeneck. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed770_brasil_tornou_se_polo_de_jornalismo_investigativo>. Acesso em: 19/06/2014.

MAGALHÃES, Luiz Antonio. Jornalismo no Cinema é o Destaque do Dia. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo_no_cinema_e_o_destaque_do_dia. Acesso em: 22/06/2014.

NUNES, Leticia; THURLER, Larriza. Caso Judith Miller Longe de um Desfecho Previsível. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/caso_judith_miller_longe_de_um_de_sfecho_previsivel>. Acesso em: 18/06/2014.

ANEXOS

I – O INFORMANTE (1999) – Michael Mann



Imagem 1: Pesquisa – O produtor Lowell Bergman recebe caixa anônima com papéis que não consegue decifrar. Presume, pelas iniciais, que seja da empresa de cigarros “Philip Morris” e vai atrás de especialista para descobrir de que se trata o material.



Imagem 2: Jeffrey Wigand é ex-vice-presidente da Brown and Williamson (empresa do ramo do tabaco) e decifra em partes o conteúdo do material de Bergman; recusa-se a ajudar completamente, pois está sob sigilo de um contrato de confidencialidade. Wigand

parece esconder informações importantes, que tão logo, o produtor do “60 Minutes” se encarrega de descobrir.

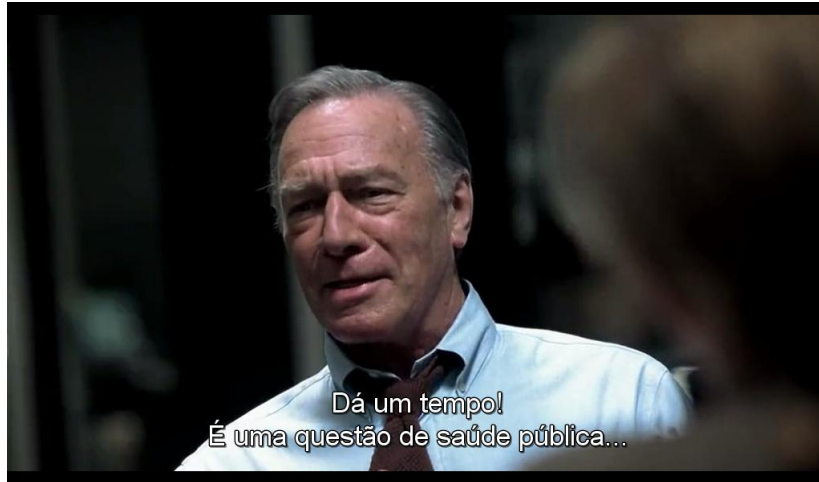


Imagem 3: O apresentador do programa, Mike Wallace, acredita na validade da matéria investigada por Lowell bergman por se tratar de um assunto de interesse público.

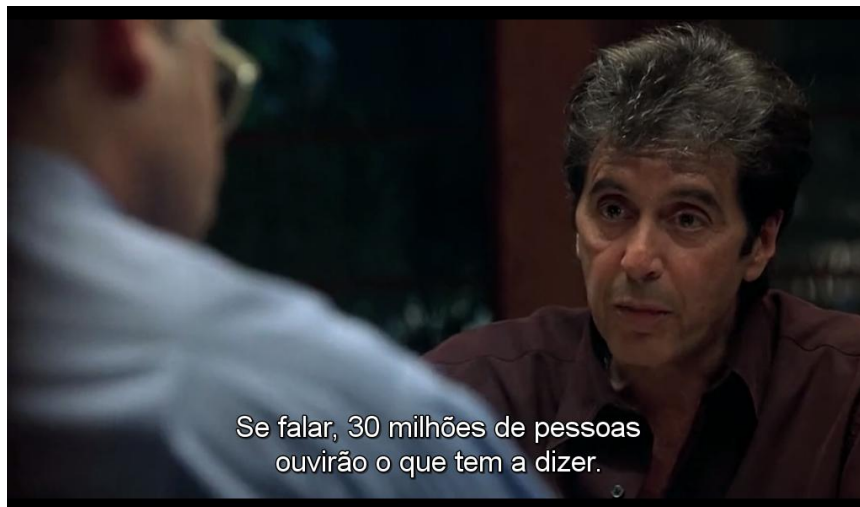


Imagem 4: Relação com a fonte – Bergman tenta convencer a fonte a dar depoimento ao programa da CBS, denunciando executivos do alto escalão da indústria do tabaco.

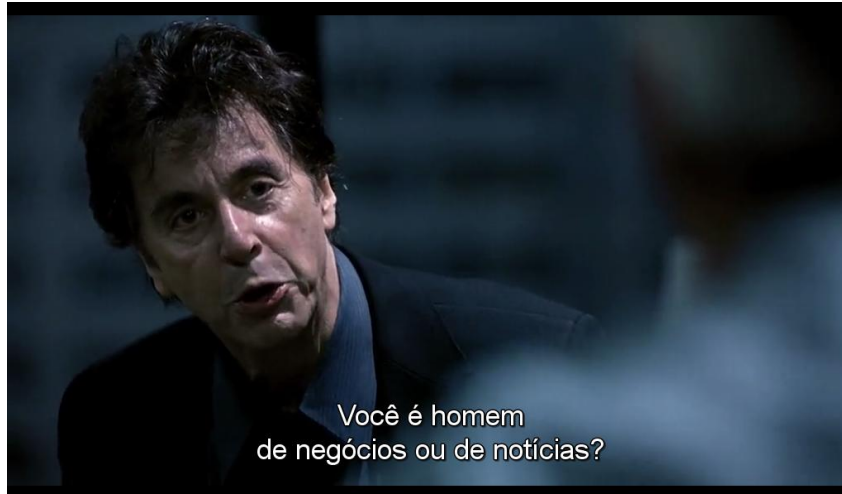


Imagem 5: Lowell Bergman questiona os executivos da CBS, que tentam vetar a exibição da entrevista de Wigand no “60 Minutes”.



Imagem 6: Lowell repassa o processo pelo qual jornalistas investigativos passam ao pegar uma denuncia e transformá-la em matéria; a matéria não vai ao ar na íntegra e o produtor acaba por tomar medidas drásticas para proteger a integridade de sua fonte e levar ao público a verdade dos fatos.

II – O CUSTO DA CORAGEM (2003) – Joel Schumacher



Imagem 1: Pesquisa – Veronica Guerin vai até local freqüentado por usuários de drogas atrás de dados para matéria.



Imagem 2: A abordagem de Veronica é direta e objetiva. Não segue um padrão de investigação na surdina, preferindo assumir a própria personalidade diante dos investigados.



Imagem 3: Líder de ONG também oferece dados para a pesquisa da jornalista, se tornando fonte.



Imagem 4: Relação com as fontes – A polícia também é parceira da jornalista na coleta de dados sobre os criminosos que pretende denunciar.



Imagem 6: Resultado – verônica Guerin se torna parte de uma estatística alarmante de profissionais de jornalismo que sofrem ameaças. A morte da jornalista acaba promovendo profundas mudanças nas leis e na sociedade irlandesa.